

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE MARABÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

JULCIANE DE FÁTIMA NUNES ARAÚJO DIOGO

**AS AULAS DE ARTE NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL:
CONTRIBUIÇÕES NO PROCESSO EDUCATIVO DOS ALUNOS DA ESCOLA
ALBERTINA SANDRA MOREIRA DOS REIS**

MARABÁ-PA
2013

JULCIANE DE FÁTIMA NUNES ARAÚJO DIOGO

**AS AULAS DE ARTE NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL:
CONTRIBUIÇÕES NO PROCESSO EDUCATIVO DOS ALUNOS DA ESCOLA
ALBERTINA SANDRA MOREIRA DOS REIS**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC),
apresentado ao Curso de Pedagogia,
Faculdade de Ciências da Educação, do
Campus de Marabá. Universidade Federal
do Pará, para a obtenção do grau de
Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientador:

Prof. Dr. Alexandre Silva dos Santos Filho

MARABÁ-PA
2013

**AS AULAS DE ARTE NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL:
CONTRIBUIÇÕES NO PROCESSO EDUCATIVO DOS ALUNOS DA ESCOLA
ALBERTINA SANDRA MOREIRA DOS REIS**

JULCIANE DE FÁTIMA NUNES ARAÚJO DIOGO

Aprovado em _____ de _____ de _____.

Banca examinadora;

Prof. Dr. Alexandre Silva dos Santos Filho – UFPA

Prof.

Prof.

MARABÁ-PA
2013

*Dedico este trabalho aos amores da
minha vida, Valdinei, Chrystian, Juan e
Ronald, pela paciência e por
suportarem meus momentos de stress
e de longas ausências.*

AGRADECIMENTOS

À Deus que é fonte de vida, amor e misericórdia. Por ter me concebido saúde, entendimento e capacidade.

Aos meus pais Maria José e João Alves, pela confiança e compreensão nos momentos de ausências.

A minha irmã, prima e madrinha Ivete, pelo incentivo e amizade nos momentos difíceis.

Ao meu esposo e companheiro Valdinei, pela paciência e estímulo nas minhas horas mais angustiantes no percurso deste.

Aos meus filhos amados Chrystian, Juan e Ronald, pelo tempo roubado.

Ao prof^o Dr. Alexandre Silva dos Santos Filho, pela sua competência, apoio, crítica e ensinamentos que me impulsionaram para a realização deste trabalho e nos quais eu guardarei para sempre.

A todos os professores, nos quais tive a oportunidade de conviver e que contribuíram com sua sabedoria na minha caminhada acadêmica.

A toda a família da escola Albertina Sandra Moreira dos Reis, por terem me recebido de braços abertos.

A professora Darcy Tavares, todo o meu carinho e respeito, pela sua atenção e disponibilidade em compartilhar com este trabalho suas experiências vividas como professora de arte.

A coordenadora pedagógica Mariluce Siqueira, pela atenção e disponibilidade.

Aos alunos e pais que participaram deste trabalho e disponibilizaram de seu tempo extra para colaborarem com esta pesquisa contando suas experiências com o ensino da arte.

A todos os meus amigos e amigas, pelo apoio. Em especial a minha amiga Rosângela Medeiros, pela amizade e por acreditar em minha capacidade.

*Era um caminho que de tão velho, minha filha,
já nem sabia mais onde ia...*

*Era um caminho
velhinho,
perdido...*

*Não havia traços
de passos no dia
em que por acaso o descobri:
Pedras e urzes iam cobrindo tudo.*

*O caminho agonizava, morria
sozinho...*

Eu vi...

*Porque são os passos que fazem os caminhos!
O último viandante*

RESUMO

As discussões acerca da importância do ensino da arte nas escolas têm despertado maior interesse pelos pedagogos em Marabá, daí refletir sobre o papel do professor de arte na escola. Sendo assim este trabalho objetiva estudar as aulas de artes do 1º ao 5º ano do 1º ciclo da escola Municipal de Ensino Fundamental Albertina Sandra Moreira dos Reis. A pesquisa é desenvolvida na abordagem qualitativa, com metodologia de pesquisa participante, onde utilizaremos as técnicas de estudos bibliográficos e ida a campo. Por meio dos estudos bibliográficos, trazemos a contribuição de Buoro (1996), Campos (2002) e Ferraz & Fusari (1993), dentre outros, buscando discutir os parâmetros, o currículo, a metodologia e avaliação do ensino de Arte. A coleta de dados realiza-se por meio da observação participante nas aulas de arte, questionário, entrevistas estruturada e semi-estruturada. Defende-se, nesse estudo, a afirmação de que o ensino da arte oferece experiências no sentido de ampliar o campo de conhecimento e cultural do ser humano em formação possibilitando a relação simultânea entre a estética, a crítica, a história e o contexto cultural. Deste modo, a produção em arte implica no fazer, o experimentar e o processo de criação, esta relação proporciona uma educação para cidadania, visto que, a Arte não está dissociada do contexto cultural, os elementos artísticos estão muito presentes e expressivos não apenas no ambiente escolar aonde os alunos chegaram a conviver, mas em todo contexto social e familiar em que estão inseridos. A pesquisa revela como se configura a arte na escola observada, tecendo considerações acerca dos resultados. Conclui-se que a arte como, conhecimento e cultura contribui significativamente na criatividade, na comunicação e na expressividade artística.

Palavras chave: Arte. Avaliação. Currículo. Ensino da Arte

SUMÁRIO

RESUMO

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO | 10 |
| CAPÍTULO 1 - A ARTE COMO LINGUAGEM | 15 |
| 1.1 O ESPAÇO DA ARTE NO AMBIENTE ESCOLAR..... | 18 |
| 1.2 APRENDER E ENSINAR A ARTE..... | 22 |
| 1.3 O CURRÍCULO DA ARTE: TEORIA E PRÁTICA NA ESCOLA..... | 27 |
| 1.4 AVALIAÇÃO COMO CONTRIBUIÇÃO PARA UMA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA..... | 36 |
| 1.4.1 Os registros..... | 39 |
| CAPÍTULO 2 - OBSERVAR E SIGNIFICAR O ENSINO DA ARTE NA ESCOLA | 42 |
| 2.1 CONHECENDO A ESCOLA ALBERTINA SANDRA MOREIRA DOS REIS..... | 42 |
| 2.2 PARA PENSAR O PERCURSO DO OBJETO NA PESQUISA..... | 44 |
| 2.3 O CONTATO INICIAL COM OS SUJEITOS DA PESQUISA..... | 46 |
| 2.4 ESTRATÉGIAS DE INVESTIGAÇÃO E OS SUJEITOS ENVOLVIDOS..... | 47 |
| 2.5 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE..... | 48 |
| 2.5.1 Compreensão da coordenadora pedagógica sobre o ensino da arte..... | 49 |
| 2.5.2 Compreensão da professora sobre ensino da arte | 50 |
| 2.5.3 Compreensão dos pais sobre o ensino da arte..... | 52 |
| 2.5.4 Linguagem artística e conteúdo..... | 54 |
| 2.5.5 Registro e avaliação..... | 55 |
| 2.5.6 Espaço, material e tempo..... | 56 |
| CAPÍTULO 3 - A IMPORTÂNCIA DA ARTE | 59 |
| 3.1 EXPERIÊNCIAS COM O ENSINO DA ARTE..... | 60 |

| | |
|--|-----------|
| 3.2 A PRESENÇA DA ARTE NA ESCOLA ALBERTINA SANDRA MOREIRA DOS REIS..... | 62 |
| 3.3 AS AULAS DE ARTE VIVENCIADAS PELOS ALUNOS DA ESCOLA ALBERTINA SANDRA MOREIRA DOS REIS..... | 67 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 72 |
| REFERÊNCIAS..... | 76 |
| ANEXOS..... | 79 |

INTRODUÇÃO

A escola é o espaço institucionalizado que cumpre funções para garantir a formação básica dos alunos e sua função ao desenvolver o ensino da arte, deve ser importante para a socialização e para a aprendizagem do indivíduo, possibilitando inúmeros benefícios para o seu desenvolvimento seja pela música, pela dança, pelo teatro ou pelas artes plásticas, por isso a educação em arte não pode servir apenas como instrução ou auxílio das demais disciplinas tidas como mais importantes no currículo escolar, ela precisa ser formadora da cultura de uma comunidade.

Assim sendo, ao participar do curso de Formação em Arte-Educação¹ – FAE 2012 nos deparamos com discussões que jamais tínhamos parado para analisar a respeito da arte na educação, mesmo estando sempre debatendo as mudanças ocorridas na educação ao longo de sua história. Não havíamos despertado a atenção para a importância real do ensino da arte como contribuição para o desenvolvimento da estética, percepção, apreciação e criação, de forma a contribuir para o ensino e aprendizagem dos alunos.

Diante dos estudos que realizamos em 2012, a partir das atividades desenvolvidas no curso FAE, inquietou-nos a necessidade de investigar em que aspecto vem acontecendo o ensino da arte nas escolas da rede de ensino municipal de Marabá-Pa. Pois sendo a educação um campo de atividade onde os indivíduos interagem uns com os outros, a arte torna-se elemento valioso não apenas para o processo de aprendizagem, mas para o desenvolvimento integral do aluno que ao interagir vive um processo de aprendizagem constante. E a arte nessa perspectiva necessita de um espaço que vai muito além das salas de aula, precisa fazer parte da vida do alunado. E também pelo fato de estarmos vivenciando em espaços escolares com professores do ensino fundamental das séries iniciais e termos a

¹ O curso FAE é um curso de Formação em Arte Educação, promovido pelo Núcleo de Arte Educação da Universidade Federal do Pará para alunos da Universidade e professores da rede municipal, na qual são desenvolvidas atividades que envolve as linguagens artísticas, bem como a parte teórica na qual fala sobre a crítica, estética, história e produção artística. O curso foi desenvolvido no período de abril a junho de 2012, com carga horária de 200 horas.

oportunidade de presenciarmos algumas aulas de arte desenvolvidas nas escolas municipais de Marabá-Pa, e assim compreendermos que poucos professores desenvolvem a disciplina de arte em sua sala.

Nesse sentido, o trabalho do professor de arte vem enfrentando desafios durante todo o percurso histórico da arte na educação no município de Marabá. Problemas esses que são evidenciados na maior parte das vezes pela sua formação – os professores não têm uma formação específica em arte, nem um curso ou oficina em seu currículo - que na grande maioria não lhe dá condições de desenvolver um bom trabalho nessa área do conhecimento.

Deste modo, torna-se relevante este trabalho, pelo fato do ensino da arte estar previsto na Lei de Diretrizes e Base da Educação (LDB) nº 9.394 de 1996 logo, sendo ministrado em várias instituições de ensino fundamental. Sendo assim, esta pesquisa poderá ser utilizada em outros contextos que partilhem da mesma necessidade de buscar compreender como acontecem as aulas de arte, visto que grande parte dos professores de arte do município de Marabá ainda não teve uma formação sólida que lhes possibilite desenvolver essa disciplina em sala, mesmo havendo prescrição de leis que asseguram o direito dos alunos a esse ensino.

Deste modo, estabelecemos como objetivo principal estudar as aulas de arte do 1º ao 5º ano do 1º ciclo do ensino fundamental na escola Albertina Sandra Moreira dos Reis da rede pública de Marabá-Pa. Analisando sobre o ensino de arte que é desenvolvido pelo professor, sendo este o mediador deste ensino na sala de aula, já que cabe a ele desenvolver práticas pedagógicas que venham a contribuir para a formação e a autonomia de seus alunos. Nesse sentido, é importante o modo como o professor valoriza a cultura e os saberes na educação através da arte, promovendo nos seus discentes a curiosidade e o interesse pela prática artística. A disciplina não está isolada das outras do currículo escolar e da realidade educacional, mas também é importante não esquecer os vínculos culturais que o ensino da arte tem com o legado regional e a realidade imediata dos educando. Por isso, é fundamental que haja interação com a história material e com a arte local.

Aprender arte envolve não apenas uma atividade de produção artística pelos alunos, mas também a conquista da significação do que fazem, pelo desenvolvimento da percepção estética, alimentada pelo contato com o

fenômeno artístico visto como objeto de cultura através da historia [...] (PCN, 2004 p. 44).

Para tanto, a arte deve ser entendida como um processo de construção que o aluno vai consolidando ao longo de sua trajetória escolar. Por isso, atividades devem ser estimulantes, que favoreçam a percepção e reflexão tão necessárias a esse processo, é fundamental também que nessas aulas se desenvolva arte, para que assim essa disciplina tenha um sentido e não fique apenas como um conteúdo dado, sem nenhum significado.

As práticas pedagógicas dos professores que atuam no ensino da arte não podem ficar restritas apenas aos desenhos sobre datas comemorativas, onde as crianças simplesmente colorem ou naquelas “musiquinhas” nas quais indicam ações cotidianas da rotina escolar (grifo nosso). A arte não precisa se limitar apenas ao “fazer por fazer”, pois as atividades de cunho comemorativo pouco contribuem para o interesse da arte como disciplina na escola (grifo nosso). Por conseguinte, a arte encarada de modo não sério pouco promoverá a reflexão crítica dos alunos sobre o porquê de realizá-las. Pessi (1994, p.24) mostra que;

o professor de arte, na sua maioria, está acostumado ao fazer artístico ou a orientar a atividade artística dos seus alunos desvinculando-se de um pensar ou problematizar sobre esta atividade. Quando questionado sobre atividades por ele orientadas expõe apenas: “Fui fazendo...” ou “Aconteceu por acaso...”, isto quando bem sucedidos; ou “Faltou material...”, “A sala não dá condições...”, quando o processo e resultado não são muito favoráveis.

Pode-se então perceber que a inexperiência e/ou muitas das vezes a acomodação do professor, que atua com a disciplina, leva ao desleixo. Por outro lado, cabe a ele proporcionar atividades que tenham sentido, que despertem nos seus alunos a curiosidade e o refletir naquilo que lhe é proposto, “o maior compromisso do professor é, portanto, adequar o seu trabalho para o desenvolvimento das expressões e percepções infantis, que assim vão se configurar em grandes problematizações [...]” (FERRAZ & FUSARI, 1993, p. 56). É necessário que o educador encare novos desafios, como desenvolver novas metodologias, mudar a sua prática, a forma como vem acontecendo o ensino da arte em sua sala de aula, a arte precisa ser ensinada com entusiasmo e não como conteúdos que representem algo. Porém, sem nenhum significado para ambas as partes.

A arte além de desenvolver a criatividade, e a percepção do aluno, precisa ter a importância em si mesma com conteúdos e objetivos próprios, constituindo-se de

manifestações da atividade criativa dos seres humanos ao interagirem com o mundo em que vivem, ao se conhecerem e ao conhecê-lo. O ensino da arte é importante para o desenvolvimento da criança no processo educacional. Ao considerar a arte como um dos elementos do cotidiano do aluno, se pretende trazê-la para mais perto do universo deles.

Nesse sentido a arte na formação dos alunos é um importante instrumento pedagógico, que tem poder de possibilitar o desenvolvimento integral deles, já que através das atividades artísticas, a criança se desenvolve efetivamente, convive socialmente e opera mentalmente, e tal expressão, visará o desenvolvimento sem objetivar resultados imediatos apenas à aprendizagem.

Por isso a produção em arte deve ser o próprio ato de criar, construir e reproduzir. São momentos em que o aluno desenha, pinta, esculpi, modela, recorta, cola, canta, compõe, atua, dança, representa etc. Isso inclui adotar práticas criativas, no entanto isto vem acontecendo de forma distorcida pelas escolas, visto que existe a ausência de políticas públicas eficazes, quanto à adaptação das escolas (seus espaços, salas de recursos para o desenvolvimento da disciplina) e a formação dos professores que muitas vezes possuem apenas uma formação inicial, essa não lhe dá os subsídios para atuar com essa disciplina e isso se constitui num dos principais motivos de descrédito a proposta do ensino da arte, causando assim transtorno e acomodação tanto para o docente como para o discente.

Assim como Buoro (1996), compreendemos que entender e gostar de Arte não deve ser, portanto, privilégio de poucos, por esse motivo a proposta de ensino da arte deve visar não apenas a construção do leitor e do conhecimento da Arte junto às crianças, mas também, ampliar as possibilidades de seu entendimento e relacionamento com o mundo em que vivem.

Deste modo, concordamos com Ferraz & Fusari (1993) ao afirmar que arte é importante na vida infantil e é fundamental o professor compreender e intermediar o processo de construção do conhecimento artístico e estético pela criança. Por esse motivo o professor precisa refletir sobre as sua prática educativa em arte na escola e propor aos seus alunos atividades referentes às dimensões imaginativas, expressivas, representacionais e comunicativas.

Campos (2002) também contribui conosco, no sentido de que propõe mostrar ao educador uma concreta possibilidade de aprender e ensinar de modo significativo, pois o olhar sensível e cognitivo para o mundo possibilita a formação do

educador estético e ético que voltado para os contextos sociais, pode levar a formação da consciência crítica, contribuindo para o rompimento dos percursos das desigualdades sociais.

Deste modo, sendo essa pesquisa uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, não poderia assim ser revelada em números. Por isso ela é desenvolvida na abordagem qualitativa como metodologia de pesquisa participante. No qual utilizamos como técnica de investigação estudos bibliográficos e para a coleta de dados a campo empregamos questionários, entrevistas estruturada e semi-estruturada, além de observação participante nas aulas de arte.

O plano dos capítulos foi assim elaborado: no primeiro capítulo, busca-se analisar as mudanças que vêm ocorrendo no ensino da arte, podendo esta ser identificadas desde a introdução da arte no currículo escolar, na qual era conhecida como Educação Artística, até o seu desenvolvimento em sala de aula, envolvendo os enunciados das obras e das teorias.

No segundo capítulo objetiva se expor os percursos metodológicos adotados para a realização desta pesquisa de abordagem qualitativa, de cunho participante, mostrando o caminho percorrido para evidenciar a presença da arte na escola Albertina Sandra Moreira dos Reis. Elencando os seguintes conteúdos métodos e técnicas de investigação, as ferramentas utilizadas, e os sujeitos envolvidos na pesquisa. Além de apresentar o local da pesquisa. Trataremos também da identificação e construção das categorias de análise, a partir da observação participante nas aulas de arte desta escola.

No terceiro capítulo, será apresentada análise de dados, quanto às aulas de arte desenvolvidas no espaço escolar do 1º ao 5º ano na escola municipal Albertina Sandra Moreira dos Reis no município de Marabá-Pa, refletido a partir das observações diárias feitas pelos pesquisadores e das experiências e vivências expressada nos relatos da professora de arte, dos alunos, dos pais e da coordenação pedagógica a respeito do ensino da arte, analisando como acontece esse ensino na escola mencionada.

Por fim, apresentamos como conclusão os significados produzidos nos estudos desempenhados durante a pesquisa, são resgatados os objetivos do trabalho e as principais ideias que se destacaram nesse processo, bem como os referenciais utilizados nesta pesquisa, o questionário, as observações e as entrevistas que nortearam este estudo.

CAPÍTULO I

1. A ARTE COMO LINGUAGEM

Desde o paleolítico² (aproximadamente 30.000 a.C.) a arte esteve presente na vida do ser humano, participando da sua necessidade de sobrevivência e diante dessa relação com o meio em que estava inserido, adquiriu conhecimentos a partir da percepção do seu ambiente, ampliando suas experiências. Este aspecto é notório quando se observa as ferramentas de trabalho deixadas ao longo da história e ao se expressar por meio de imagens feitas nas cavernas que usavam como abrigo, manifestando que “o desenvolvimento e a construção de conhecimento na pré-história aconteceram a partir das vivências” CAMPOS (2002 p. 27). Desse modo, é possível verificar que existe um papel da arte no aprendizado dos grupos primitivos e que vem se desdobrando ao longo dos tempos. Assim, pode-se dizer que o ensino e aprendizagem da arte, ainda hoje, representam e fazem parte das normas e valores estabelecidos em cada cultura.

[...] a Arte é uma linguagem manifestada desde os primeiros momentos da história do homem e estruturada, em cada época e cultura, de maneira singular, o conhecimento dessa linguagem contribuirá para maior conhecimento do homem e do mundo. [...] a finalidade da Arte na educação é proporcionar uma relação mais consciente do ser humano no mundo e para o mundo, contribuindo na formação de indivíduos mais críticos e criativos que, no futuro, atuarão na transformação da sociedade. (BUORO, 1996 p. 33)

Pode-se então perceber que o ensino da Arte deve ser compreendido como um campo de possibilidade onde se pode oferecer aos indivíduos participação de experiências com a arte e a criatividade. Promovendo a imaginação e ampliando a

² Período que abrange o momento do surgimento do *Homo sapiens* até a invenção da escrita. O Paleolítico ou Idade da Pedra Lascada foi um período muito longo, onde os seres humanos foram se adaptando à natureza, na qual tiravam seu sustento, por meio da caça, da pesca e da coleta de vegetais. Dominaram o fogo, construíram suas ferramentas com pedras lascadas, ossos e madeiras e produziram as primeiras manifestações artísticas, associada à caça e à magia negra, o qual tornou-se importante fator de sociabilidade humana.

capacidade de expressão e comunicação, necessitando ser encarada como finalidade na formação do homem.

A área do conhecimento que trata da educação escolar em arte, teve uma história recente coincidindo com as transformações educacionais que caracterizaram o século XX³. Pois o ensino que era centrado somente na figura do professor, dava lugar e uma nova pedagogia, na qual os alunos poderiam expressar-se livremente e suas revelações eram valorizadas fatos esses que não aconteceram na escola tradicional. “O papel do professor era dar oportunidades para que o aluno se expressasse de forma espontânea, pessoal, o que vinha a ser a valorização da criatividade como máxima no ensino da arte” (MARTINS, PICOSQUE, GUERRA, 2009 p. 11). Porém algumas escolas desviaram o sentido de expressar-se de forma livre, emolduraram assim palavras de ordem.

“o que importa é o processo criador da criança e não o produto que realiza” e “aprender a fazer, fazendo”; estes e muitos outros lemas foram aplicados mecanicamente nas escolas, gerando deformações e simplificações na idéia original, o que redundou na banalização do “deixar fazer” – ou seja, deixar a criança fazer arte, sem nenhum tipo de investigação (PCN, 2001 p. 22 - grifo do autor).

Com a finalidade de não macular a expressão do aluno, o professor pouco acrescentava na aprendizagem do aluno, a ele designava-se um papel cada vez mais irrelevante e inativo, em termos de aprendizagem da arte, arraigando e disseminando o princípio da livre expressão pelas escolas. Começo esse, que se tornou uma presença obrigatória nos planejamentos escolares com o desígnio de facilitar o desenvolvimento criador da criança. Porém o resultado foi uma descaracterização progressiva da educação artística, perdendo-se o sentido tanto para o professor como para o aluno.

Surge então na década de 1960, arteducadores com pensamentos ligados as tendências idealista liberal, que se afirmava em uma pedagogia renovada, onde o papel da escola era adequar à necessidade individual ao meio, propiciando

³ Uma mudança radical do século XX quanto à pedagogia aplicada “tradicional” que se fez presente no contexto escolar, de modo hegemônico, até o fim do século XIX, na qual centrava o ensino na figura do professor, que é autoridade máxima, bem como a memorização através da repetição. No final do século XIX e início do século XX ocorreu uma mudança radical na busca pela superação da concepção tradicional surgiram iniciativas visando à implantação de novas formas de ensino. Surgiu, então, a Escola Nova com uma proposta de inovação, na qual o aluno passa a ser o centro do processo. O professor se torna facilitador da aprendizagem, priorizando o desenvolvimento psicológico e a auto-realização do educando, agora agente ativo, criativo e participativo no ensino-aprendizagem. Essa mudança que deslocou o foco de atenção da educação tradicional, centrado na transmissão de conteúdo, para o processo de aprendizagem, ocorreu também no âmbito do ensino de Artes.

experiências, ou seja, o aluno era levado a aprender por meio das experimentações, sendo o professor um auxiliador nesse processo. Esses arteducadores mostravam-se preocupados com essa nova mudança no paradigma do ensino da Arte, questionando a ideia do natural da criança na expressão artística. Visto que a nova tendência era precisar o fenômeno artístico como conteúdo curricular, articulando um duplo movimento, pois de um lado estava a crítica a livre expressão como automatizando o processo de amadurecimento da criança e do outro a investigação a natureza como forma de conhecimento.

No início da década de 1970 aparecem novos autores com novas mudanças para o ensino da arte nos Estados Unidos, assegurando que o desenvolvimento artístico é resultado de forma complexa de aprendizagem e que não ocorre automaticamente à medida que a criança crescer, fazendo necessário que o professor como mediador desse processo, estimule-o, apresentando formas onde as crianças busquem meios para transformar a sua imaginação e sentimentos em objetos materiais.

A partir de então, professores de todo mundo se preocuparam em fundamentar sua ação pedagógica criando um quadro de referências dentro do currículo escolar com base nos fenômenos artísticos. Com o intuito de terem melhores condições para desenvolver suas atividades pedagógicas nos estabelecimento de ensino.

Tais trabalhos contribuíram muito para a proposta pedagógica que consideram que tantos os conteúdos programáticos como o processo de ensino são importante no modo de aprender dos alunos. Nesse ensino deve ser exploradas atividades de expressão artística, que leve em consideração a imaginação, a espontaneidade, a criatividade, o sentimentos, dando destaque à integração de todas as formas de arte (música, artes visuais, dança e teatro), como modo se assegurar o desenvolvimento e experiência pessoais.

O ser humano, quando em harmonia com o seu desenvolvimento, transforma-se e reforma, tem dificuldade em adaptar-se a situações não flexíveis, pois é sujeito de diálogo e capaz de julgar o que seja bom ou mau para si e para o coletivo. O exercício para a formação crítica faz-se no mundo e para o mundo (CAMPOS, 2002 p. 87).

Nesse sentido, se a escola tem por objetivo formar sujeitos autônomos e críticos de sua realidade, é necessário que eles sejam constantemente estimulados e encorajados a tomar consciência e a fazer uso da palavra, do gesto, do som, do

grafismo, de toda uma variedade de procedimento que tem ao seu dispor, já que é através de sua percepção, de seus sentimentos e de suas ideias que eles se relacionarão com a comunidade, pois indivíduos que insistem nas mudanças e transformações e apesar das dificuldades acreditam nessa possibilidade, sua confiança o faz um cidadão otimista capaz de ver o mundo e de fazer escolhas por si mesmos.

A arte deverá contribuir no desenvolvimento artístico do indivíduo, já que por meio dela ele desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação para realizar e apreciar trabalhos artísticos produzidos por eles e por outros. Uma vez que “[...] ao expressar-se por meio da Arte, o aluno manifesta seus desejos, expressa seus sentimentos, expõe enfim sua personalidade” (BUORO, 1996, p. 33). Nessa perspectiva, a arte da criança deve ser valorizada como detentora de um modo próprio de se manifestar e a sua qualidade estética específica deve ser considerada tão válida como outras formas de arte realizadas pelos adultos ao longo da história.

Deve-se lembrar de que a arte está presente em todas as manifestações culturais e também nas profissões que os alunos irão exercer, nos seus mais diferentes ramos de atividades. Contudo é necessário que eles tenham o conhecimento e entendam a mesma. E tal função compete à escola fazer, visto que ela é a maior responsável pela formação inicial desses educandos. Além de que, devemos nos perguntar de que forma a escola está formando esses alunos quando se trata do ensino da arte?

Diante dessa perspectiva procuraremos abordar alguns elementos como o espaço, o processo de ensino e aprendizagem e o currículo da arte, elementos esses que poderão contribuir para o desenvolvimento desse ensino na sala de aula regular e que deverão ser levado em consideração quando se trata da arte como área do conhecimento.

1.1 O ESPAÇO DA ARTE NO AMBIENTE ESCOLAR

Desde que a arte foi instituída obrigatória no currículo escolar, são poucos os alunos que tem aula de arte nas escolas, pois o que ainda se considera como ensino nos espaços escolares, são aulas que valorizam a leitura e a escrita, nesse sentido a arte tem servido de apoio para as demais disciplinas do currículo, perdendo assim seu verdadeiro significado.

A arte necessita de um espaço onde ela possa ser desenvolvida, ela não pode/deve ficar resumida a apenas conteúdo, quadro-negro e caderno, para isso se faz necessário à reinvenção do espaço da arte na escola. “Precisamos conquistar um espaço para a Arte dentro da escola, espaço que ficou perdido no tempo e que, se recuperado, poderá mostrar-se tão significativo como qualquer outra matéria do currículo” (BUORO, 1996, p. 33). Ela precisa ser compreendida como uma disciplina que é importante, assim como as outras do currículo.

Nas escolas a disciplina de arte se resume a sessenta (60) minutos de aula por semana, aulas essas, que são desenvolvidas dentro da própria sala de aula, com condições precárias tanto de infra-estrutura, como de pessoal e material pedagógico que venha a atender a necessidade da mesma, manifestando o descompromisso com a disciplina. “O professor tem o dever de dar suas aulas, de realizar sua tarefa docente. Para isso, precisa de condições favoráveis, higiênicas, espaciais, estéticas, sem as quais se move menos eficazmente no espaço pedagógico” (FREIRE, 1999 p.73). Nesse sentido o espaço deve ser percebido tanto pela escola como pelo professor, como o ambiente onde se desenvolve os saberes, onde flui a imaginação, e por isso ele deve ter condições favoráveis para poder auxiliar a prática pedagógica dos professores junto aos alunos.

A escola não pode compreender a arte como uma disciplina que não precisa de prova, aquela que é menos importante, onde pode fazer bagunça, a que muitas vezes vale qualquer coisa, desde que se trabalhe e cumpra a carga horária, dando pouca valorização ao verdadeiro significado das aulas de arte, fazendo dela um passar de tempo.

Ainda é comum essas aulas serem confundidas com lazer, terapia, descanso das aulas “sérias”, o momento para fazer decoração da escola, as festas, comemorar determinada data cívica, preencher desenhos mimeografados ou retirados do computador, fazer o presente do Dia dos Pais, pintar o coelho da Páscoa e a árvore de Natal. Memorizam-se algumas “musiquinhas” para fixar conteúdos de Ciências, fazem-se “teatrinhos” para entender os conteúdos de História e “desenhinhos” para aprender a contar (MARTINS, PICOSQUE, GUERRA, 2009 p. 11- grifo do autor).

Demonstrando assim, que as aulas de artes mais parecem servir como um suporte para as outras áreas do conhecimento, visto que pouco valor tem se atribuído a essa disciplina tanto por parte dos professores, da escola no geral e de toda a comunidade escolar que desconhece a importância da arte na vida do indivíduo.

É necessário criar novos ambientes para a arte nas escolas, espaços que estejam para além de textos e imagens. É preciso preparar os espaços para essas aulas, criar cenários que proporcione a imaginação, é indispensável que ele esteja cheio de variedades (áudio visuais, materiais) que venham subsidiar os alunos nas aulas de artes.

[...] A criança é a grande protagonista de todo o processo aqui trazido. A organização do espaço deixa transparecer a atenção dada a ela, suas experiências, suas descobertas. Assim, os moveis, objetos e registros explicitam as possibilidades oferecidas e aguçam a curiosidade, a atenção e o desejo de produzir das crianças [...] (OSTETTO, 2004 p. 27).

Para tanto, a sala de aula deve ser mais que um espaço físico, deve ser o local onde professor e alunos vão vivenciar experiência. Mas para que isso aconteça é preciso criar meios acessíveis à realidade, inventar possibilidades para os materiais existentes, precisa-se inovar, ousar e reinventar. Pois como afirma Martins (*apud* CAMPOS, 1998, p.131), “[...] mais do que quantidade de materiais, é preciso oferecer ricas oportunidades de aprendizagem. Selecionar meios acessíveis à realidade, inventar possibilidades para os materiais existentes, inovar, ousar”. O professor deve ter coragem de arriscar, de mudar a sua prática, de criar novas metodologias perante os recursos que tem a seu dispor.

As aulas de artes devem acontecer não somente na sala de aula seja ela específica ou não para o seu uso. A arte é um convite para sair das quatro paredes da sala de aula. Faz-se necessário explorar os espaços existentes nas escolas e nos locais onde a arte está vivamente presente, ou seja, nos museus, galerias, praças, instituições culturais, etc. Esses espaços estimulam a curiosidade dos alunos, visto que muitos desses ambientes oferecem a oportunidade de suprir, ao menos em parte, alguma das carências da escola.

Quando são bem direcionados, esses lugares podem ser bons aliados dos conteúdos das aulas formais, mas para isso é preciso que o professor proporcione momentos de aprendizagem, faça com que os alunos tenham um contato mais direto com a arte que ali se faz presente, para que assim eles possam apreciar, refletir e se expressar por meio de suas criações. No entanto deve-se oportunizar a criança,

[...] o contato direto com as obras de arte. Quando isso ocorre com a criança que têm oportunidade de praticar atividades artísticas, percebe-se que elas adquirem novos repertórios e são capazes de fazer relações com suas próprias experiências. E ainda, se elas são encorajadas a observar,

tocar, conversar, refletir, veremos quantas descobertas instigantes poderão ocorrer (FERRAZ & FUSARI, 1993 p. 49,50).

Para tanto, o professor de arte deve estimular os alunos a vivenciar a arte na escola, a conhecer os códigos, as obras, as produções e os artistas para que assim possa haver uma alfabetização nas linguagens da arte. “A obra de arte é parte significativa do ensino/aprendizagem, desde a pré-escola” (BUORO, 1996 p. 51). É por meio dela que podemos compreender o mundo da arte.

Os professores que estão ligados diretamente com essas crianças devem estar atentos a realidades deles, propiciando momentos de descobertas por meio do diálogo e das relações sócio-afetiva. O docente deve estar sempre centrado na relação professor/ aluno/ pais mais do que nos conteúdos, para que essa sirva como instrumento de desenvolvimento, para tal o espaço deve favorecer a ação e a construção da identidade de cada um dos sujeitos envolvidos nesse processo.

A partir do momento que as crianças mergulham no processo de produção artística, elas expressam diferentes movimentos (se mexem, falam, cantam, rabiscam, etc.), que lhes permitirão explorar o espaço e a usar diferentes formas de linguagens. O professor necessitará criar momentos de descobertas, não impondo as crianças uma única forma de ver o mundo, estereotipando arte com cópias ou desenhos prontos, impedindo a criação e a imaginação delas, chegando a fazer da arte e do cotidiano escolar algo tedioso, mas sim proporcionar momentos de imaginação, experimentação, criação e reflexão.

Diante dessas abordagens conclui-se que a Arte deve ser apresentada como área de conhecimento que requer espaço e respeito como todas as outras áreas do currículo escolar, por isso é fundamental que o professor e a escola no geral pensem as aulas de arte como momentos de aprendizagens, criando, portanto maneiras que atraiam e seduzam os alunos para novas experiências. Pois ao criar as crianças das séries iniciais desenvolvem uma série de pré-requisitos muito importantes para o desenvolvimento da aprendizagem, como o pensamento, a imaginação, a sensibilidade, a intuição e a percepção.

É importante que o professor no processo do fazer artístico, promova a valorização e a interação dos alunos com suas próprias criações artísticas, o que pode ser alcançado, a partir das exposições dos trabalhos realizados por eles. Indicando que as aulas de arte podem e devem trazer mudança no espaço onde ela vai ser desenvolvida, abandonando assim a concepção desse ensino como

descanso, distração, como mera pausa inserida no estudo de conteúdos tidos como mais importantes. O aluno precisa compreender a arte como uma área de conhecimento que lhe permitirá expressar suas emoções, sua história e sua cultura através de valores estéticos, o qual abordaremos no tópico a seguir.

1.2 APRENDER E ENSINAR A ARTE

A educação através da arte possibilita ao indivíduo conhecer, entender e respeitar as manifestações artísticas existentes nas diversas sociedades. Além de que permite também despertar o interesse pela cultura de outros povos, bem como educar nossos sentidos perceptuais de forma estética, a fim de podermos melhor compreender as manifestações artísticas e culturais que se fazem presentes em nosso cotidiano. Tanto o professor e o aluno estão mediados pelo ato de conhecer a arte e outras culturas, para que se estabeleça relação entre o modo de pensar, ser e agir das civilizações históricas e culturas contemporâneas. Logo,

[...] ao nascer passamos a viver em um mundo que já tem uma história social de produções culturais que contribuem para a estruturação de nosso senso estético. Desde a infância, tanto as crianças como nós, professores, interagimos com manifestações culturais de nossa ambiência e vamos aprendendo a demonstrar nosso prazer e gosto, por exemplo, por imagens, músicas, falas, movimentos, histórias, jogos e informações com os quais nos comunicamos na vida cotidiana [...] (FERRAZ & FUSARI, 1993 p. 16).

Não é à toa que o indivíduo desde a infância já está inserido numa cultura, com uma história e diversas manifestações sociais e culturais praticada por sua família. Sendo, portanto, ele um sujeito em transformação, pois continua no processo de humanização, contribuindo e interagindo para a construção do senso estético. A arte então, por ser uma grande área de conhecimento, auxiliará esse sujeito a se compreender como parte integrante de uma sociedade que também se transforma.

Para tanto, o ensino da arte proporcionará ao aluno uma compreensão sensível do mundo, nas mais diferentes linguagens – poética, musical, teatral, movimento –, fazendo com que eles experimentem, conheçam e criem, já que ela “é a linguagem imediata dos pequenos [alunos dos anos iniciais⁴] e deve merecer um

⁴ Refere-se do 1º ao 5º ano do 1º ciclo, na qual é correspondente a antiga alfabetização à 4ª série do ensino fundamental da educação básica. Esse sistema de organização surgiu como alternativa para subsidiar as antigas séries que avaliam o aluno ao término de cada ano letivo. No ciclo o aluno é

espaço especial, que incentive a exploração, a pesquisa [...]” (MARTINS, PICOSQUE, GUERRA, 2009 p. 94). Os alunos dos anos iniciais não estão somente recebendo informações da sociedade imediata, mas interagem com o programa de arte na escola. Isso pode proporcionar uma ampla abordagem no âmbito das suas experiências com a arte e cultura na escola, promovendo a aprendizagem e tornando-o capaz de sonhar, de se comunicar com objetos do mundo sensível e com todos aqueles que estão a sua volta.

As produções criativas das crianças indicam uma visão das coisas que lhes é própria, correspondendo a um modo de expressão dos seus sentimentos, emoções e sensações. Partindo do princípio de que toda criança, de um modo geral, possui imaginação criadora, caberá à escola o papel de ampliar seu repertório estético com experiências significativas, a fim de promover o desenvolvimento das suas habilidades, interação social, conhecimentos artísticos, estético e intelectual.

Todavia, não é somente no espaço escolar que os alunos aprendem sobre arte. Há vários outros locais, tais como a igreja, os museus, os teatros, as galerias de artes etc., onde eles poderão se relacionar com o conhecimento de arte, mas é na escola que esses saberes vão ser compreendidos e interpretados com maior propriedade, já que é fundamental existir um professor de arte qualificado e atualizado nas linguagens artísticas, que esteja acompanhando e contribuindo para o aperfeiçoamento do conhecimento de arte desses alunos. A escola deverá ser o local onde o eles irão aprender a expressar livremente suas ideias e seus sentimentos, mediante a própria atividade no processo de criar.

Para desenvolver bem, suas aulas, o professor que está trabalhando com a arte precisa conhecer as noções e os fazeres artísticos e estéticos dos estudantes e verificar em que medida pode auxiliar na diversificação sensível e cognitiva dos mesmos. Nessa concepção, seqüenciar atividades pedagógicas que ajudem os alunos a aprender a ver, olhar, ouvir, pegar, sentir, comparar os elementos da natureza e as diferentes obras artísticas e estéticas do mundo cultural, deve contribuir para o aperfeiçoamento do aluno (FERRAZ & FUSARI, 1993 p. 21).

Deste modo, a criança a todo o momento deve ser levada ao contato direto com a cultura, com a sua realidade, com os elementos que permeiam o ensino da arte, pois por meio dos seus sentidos ela construirá seu conhecimento artístico, tendo um olhar mais crítico e estético perante a arte.

avaliado ao final de cada ciclo, sendo essa uma tentativa de minimizar os altos índices de repetência e evasão escolar. No município de Marabá essa mudança passou a vigorar em 2006.

Devendo-se atentar de que a arte não está presente em todas as coisas, mas pode existir em qualquer lugar e em variadas formas; a questão está em descobri-la. Os alunos aprenderão a pesquisar, a olhar à sua volta, tendo em conta os vários aspectos do mundo que os rodeia: num despertar da curiosidade que os levem à descoberta e à formulação dos seus próprios problemas. Isso ele aprenderá no próprio ato de criar, por isso atividades que os estimulem são tão necessárias nessa fase do ensino.

A criança no ensino fundamental (anos iniciais), desperta sua curiosidade por algo que lhe interessa, é nesse momento que elas tendem a se aproximar mais do mundo adulto tentando compreendê-lo de acordo com sua faixa etária. “Ao entrar na primeira série do primeiro grau, a criança já trás consigo formas de construção do espaço, produtos de seu desenvolvimento, do contato com a cultura e com os modelos vividos e aprendidos na pré-escola”, ou seja, ela já tem um repertório de elementos dos quais foram aprendidos na educação infantil ou na própria vivência com os familiares (BUORO, 1996 p. 35).

É importante que o professor valorize as experiências dos alunos e mais do que isso, é necessário “que se discuta com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos”, fazendo dele fio condutor para uma aprendizagem significativa. (FREIRE, 1999 p. 33). Cabe ao professor saber lidar com esses conhecimentos de forma significativa, fazendo dos momentos de aprendizagem construção de conhecimento, contribuindo assim para o fortalecimento da consciência criadora do aluno, dando-lhes a oportunidade de realizar suas próprias escolhas, assegurando de seu desenvolvimento nos planos perceptivos, imaginativo e produtivo.

Os alunos precisam ver o professor de arte como aliado no processo de ensino e aprendizagem, para assim encontrar na escola estímulos e perspectiva de desenvolvimento. Sabendo que o indivíduo reflete de acordo com o convívio. Vale ressaltar que “[...] o bom clima pedagógico-democrático é o em que o educando vai aprendendo à custa de sua prática mesma que sua curiosidade como liberdade deve estar sujeita a limites, mas em permanente exercício” (FREIRE, 1999 p. 95). Nessa perspectiva o professor precisa orientar e impulsionar o desenvolvimento e a aprendizagem dos alunos, resguardando é claro sua autonomia e favorecendo conteúdos e atividades que permitirão a integração do aluno ao mundo artístico.

Criando novas metodologias, para que eles possam se encontrar na disciplina não ficando apenas como depósito de uma realidade inerente a sua.

A resistência do professor, por exemplo, em respeitar a “leitura de mundo” com que o educando chega à escola, obviamente condicionada por sua cultura de classe e revelada em sua linguagem, também de classe, se constitui em um obstáculo à sua experiência de conhecimento. (FREIRE 1999 p. 138 - grifo do autor)

Para tanto, é importante e necessário que o professor respeite e valorize a leitura de mundo dos alunos, que se discuta a arte levando em consideração a cultura dos alunos, rompendo com a visão linear e unilateral onde apenas o professor é o agente ativo do saber, ele precisa estimular o educando a ser um agente ativo no processo de ensino, proporcionando o diálogo e a reflexão, tornando a sua sala de aula em um ambiente de produção e conhecimento, oportunizando ao aluno contato com diferentes linguagens artísticas.

O professor precisa compreender que por mais que ele queira ou não, “é evidente que a criança já vivencia a arte produzida pelos adultos, presentes em seu cotidiano” (FERRAZ & FUSARI, 1993 p.43). Nesse sentido, ele não poderá continuar a ser o detentor único do saber, um expositor de matéria, mas sim um organizador e um orientador de atividades de aprendizagem. Será aquele que ajuda o aluno a refletir, que fornece indicações sobre métodos de pesquisa e análise de situações, no sentido de permitir ao aluno construir o seu próprio conhecimento, de acordo com as suas necessidades, interesses e processos de aprendizagem.

Para isso, o professor necessitará estar preparado para trabalhar com o aluno providenciando para que a aprendizagem se realize através da experiência e da resolução de problemas. Devendo levar em consideração que nem todos os alunos aprendem ao mesmo tempo, nem da mesma forma e nem pelas mesmas razões, contudo todos têm a capacidade e devem aprender, cada um aprende de modo diferente, único.

Diante disso, o professor por ser “um mediador entre a arte e o aprendiz”, precisa estimular a aprendizagem, procurando partir dos interesses dos alunos para assim poder conduzir a disciplina a interesses cada vez mais elaborados, propondo uma linguagem artística que tenha como princípio a expressão, o criar, o interpretar, a comunicação baseada na observação do ambiente em que está situado (MARTINS; PICOSQUE; GUERRA, 2009 p. 130).

O professor necessita assumir essa conscientização, e trabalhar com o objetivo de contribuir para o desenvolvimento dos alunos, tornando estes cidadãos críticos, sem cometer erros de menosprezar sua cultura e capacidade intelectual, isso se dará a partir da consciência crítica e do diálogo, no qual a escola deverá se comprometer em ser um espaço democrático, onde o professor proporcionará um ensino de qualidade que valorize o cotidiano, a vivência, a verdadeira realidade do aluno e não ser apenas reprodutora de conteúdos que pouco contribuem para o desenvolvimento e emancipação do sujeito de direitos.

Uma disciplina de arte precisa almejar que o aluno desenvolva a compreensão, a capacidade de imaginar e criar. Cabe ao professor “saber arte e saber ser professor de arte junto a crianças”, aprendendo a distinguir e a antecipar as necessidades reais dos alunos, promovendo um encontro rico, instigante e sensível entre a arte e o aluno. (FERRAZ & FUSARI, 1993 p. 36). Sem lhe impor o seu conceito de adulto do que é importante ou belo, sendo aquele que não intervém com autoritarismo, mas que estabelece o diálogo como princípio de um ensino que tem por finalidade formar sujeitos autônomos e críticos.

Desta maneira o educador já não é apenas o que educa, mas o que enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos de autoridade” já não valem. (FREIRE 1987 p. 68)

Quando isso ocorre, a escola deixa de ser um lugar de memorização, passando a ser um campo de investigação, onde investigadores críticos são desafiados a dialogarem entre si na busca constante da transformação de sua realidade. Nesse sentido, o diálogo deve ser predominante na relação professor aluno, servindo de base para o processo de ensino e aprendizagem.

Diante desses fatos, podemos concluir que não basta somente finalizar os conteúdos anuais que foram estipulados para o ensino da arte na escola é necessário que eles sejam compreendidos. Por isso faz se necessário que o professor tenha consciência e condições de subsidiar esses alunos em sua aprendizagem, devendo ele estar atualizado em consequência das transformações históricas que acontecem no mundo, adotando uma atitude crítica e reflexiva quanto ao modo de como essa disciplina vem sendo desenvolvido nos anos iniciais do ensino fundamental desde que foi intitulada obrigatória no currículo escolar. A essas

transformações do ensino da arte no currículo e seu desenvolvimento no ambiente escolar trataremos no próximo tópico.

1.3 O CURRÍCULO DA ARTE: TEORIA E PRÁTICA NA ESCOLA

A partir de 1816 o Ensino de Arte no Brasil evoluiu consideravelmente de acordo com momentos históricos e correntes pedagógicas vigentes, ou seja, após a criação da Escola Nacional de Belas Artes⁵ por D. João VI. Do ponto de vista metodológico, as aulas de Artes das escolas brasileiras adquiriram uma tendência idealista liberal, apoiada na pedagogia tradicional, com reproduções de modelos propostos pelo professor, e que levavam o aluno a adquirir coordenação motora, precisão, que aprendessem técnicas e adquirissem hábitos de limpeza e ordem nos trabalhos e que esses de alguma forma fossem úteis na preparação da vida profissional.

Nas escolas tradicionais, valorizavam-se principalmente as habilidades manuais, os “dons artísticos”, os hábitos de organização e precisão, mostrando ao mesmo tempo uma visão utilitarista e imediatista da arte. [...] O ensino da arte era voltado essencialmente para o domínio técnico, mais centrado na figura do professor; competia a ele “transmitir” aos alunos os códigos, conceitos e categorias, ligados a padrões estéticos que variavam de linguagem para linguagem, mas que tinham em comum, sempre, a reprodução de modelos (PCN, 2001 p. 25 – grifo do autor).

As disciplinas eram voltadas mais para o aspecto financeiro, servindo como uma forma de qualificação profissional, ou outras vezes de interesses políticos e sociais que permeavam naquele momento. A cultura artística predominante tinha o propósito dos ofícios, não o objetivo de desenvolver os aspectos que envolvessem o ensino da arte, como a história, a estética, a percepção e a criação.

Contudo, entre os anos de 1920 e 1970 as escolas brasileiras vivenciaram outro momento importante no ensino da arte. Momento este estabelecido pela pedagogia renovada, também conhecida como escolanovista, na qual afirmava que o ensino da arte deveria ser voltado para a criança, com ênfase no desenvolvimento natural, valorizando a criação individual, respeitando as necessidades e expressão – a compreensão do mundo nas suas diferentes linguagens. Além do mais, promovia-

⁵ Uma referência importante para a compreensão do ensino da arte no Brasil é a célebre Missão Artística Francesa trazida, em 1816, por dom João VI. Foi criada a Academia Imperial de Belas-Artes, que após a proclamação da república, passou a ser chamada Escola Nacional de Belas-Artes. O ponto forte desta escola era o desenho, com a valorização da cópia fiel e a utilização de modelos europeus.

se o crescimento e a autonomia do aluno em sua produção, contrapondo-se ao rigor da escola tradicional, dando espaço para uma nova metodologia no ensino da arte.

Os professores eram os grandes responsáveis por essa nova forma de educação. Estes precisavam passar por transformações: estudar novos métodos, para poder acompanhar os avanços que aconteciam no campo da arte; e atender aos alunos. Porém, essa formação tornou-se um grande problema:

Até os anos 60, existiam pouquíssimos curso de formação de professores nesse campo, e professores de quaisquer matérias ou pessoas com alguma habilidade na área (artista e estudiosos de cursos de belas-artes, se conservatórios, etc.) poderiam assumir as disciplinas [...]. Muitos professores não estavam habilitados e, nem menos ainda, preparados para o domínio de varias linguagens, que deveriam ser incluídas no conjunto de atividades artísticas (PCN, 2001 p. 28).

Esse acontecimento gerou um vazio de conteúdo muito grande, com o chamado *laissez-faire*⁶, pois se imaginava que o professor não precisava de formação nem de informação para lidar com as várias linguagens incluídas nas atividades artísticas, pois a criança tinha de assumir a tarefa de criar por si mesma, sem nenhuma orientação.

Mas como poderia mudar a metodologia do ensino da arte se uma das peças principais desse processo – o professor (não habilitado) – tinha dificuldades de acompanhar os novos avanços, mediante esse processo pedagógico de ensinar arte através da experiência, já que as mudanças vinham acontecendo no campo das atividades artísticas na escola.

No entanto, Lei de Diretrizes e Base da Educação (LDB) nº 5.692 de 1971, cria como componente curricular Educação Artística, com base em atividades (o simples ato de fazer), como tentativa de melhoria do ensino da arte na educação escolar. A partir de então se inclui no currículo escolar a arte com nomenclatura (Educação Artística) e função diferente. Ao ensino da arte era lhe atribuído pouco valor, ele “era considerado ‘menor’ não sendo uma disciplina, somente uma atividade”, onde os professores não especialistas poderiam desenvolvê-lo, já que agora era apenas uma atividade educativa (CAMPOS, 2002 p. 59- grifo do autor).

A introdução da Educação Artística no currículo escolar foi um grande avanço, mas ainda se enfrentava problemas quanto à formação dos profissionais que atendiam a esse campo do conhecimento, visto que eles não tinham o domínio

⁶ Laissez-faire é a contração da expressão em língua francesa *laissez faire, laissez aller, laissez passer*, que significa literalmente "deixai fazer, deixai ir, deixai passar".

dessas várias linguagens (Artes Plásticas, Educação Musical e Artes Cênicas) que eram incluídas nas atividades artísticas. Mesmo assim “os professores passam atuar em todas as áreas artísticas, independente da sua formação e habilitação”, formando assim polivalentes em Arte, o que veio a ocasionar um grande problema entre a teoria e a prática (PCN-Arte, 2001 p.29).

Na tentativa de solucionar as dificuldades que vinham permeando o campo da arte, alguns professores (da rede pública de ensino) receberam uma formação inicial em cursos de curta duração (2 anos), que pouco contribuía na sua formação, pois não davam nenhuma condição desses professores atuarem de forma eficaz na área da arte. As próprias universidades tinham uma formação precária, estavam apenas preocupadas, não em formá-los de forma ampla e sólida para que tivessem condições de atuarem, mas sim em atender a um mercado aberto pela lei.

Esses professores por sua vez preocupados com sua prática pedagógica, já que os cursos de formações não contribuía para tal, tentavam solucionar os problemas que vinham enfrentando em sua sala de aula, seguindo guias curriculares, livros e com atividades múltiplas (exercício musicais, plásticos, corporais, etc.) para as diferentes faixas etárias a quem atendiam.

A partir dos anos 1980 “educadores brasileiros mergulham em um esforço de arquitetar e discutir, práticas e teorias de educação escolar para essa realidade”, mostrando uma preocupação na educação da arte nas escolas (FERRAZ & FUSARI, 1993 p.33). A partir de então, começa uma mudança na formação dos professores, com um movimento chamado Arte-Educação que ampliou a discussões quanto à formação e a valorização desses professores, que atualmente estavam isolados nas escolas. A ideia da Arte-Educação multiplicou-se em diversas regiões brasileiras por meio de eventos promovidos pelas universidades e pelos estudiosos da Arte com o objetivo de discutir e sugerir novos caminhos para os cursos de Educação Artística – desde a Educação Infantil até a Universidade –, pois a situação em que as aulas vinham sendo ministradas era caótica. Havia uma distorção em relação à disciplina e aos seus conteúdos.

Na década de 1990, com a regulamentação da área de arte pela LDB 9.394/1996 e a divulgação dos textos nos Parâmetros Curriculares Nacionais⁷ de

⁷ Os Parâmetros Curriculares Nacionais constituem um referencial de qualidade para a educação no ensino Fundamental em todo o País. Na área de Arte, os PCN configuram uma orientação oficial para a prática pedagógica na escola.

Arte (PCN - Arte), revigoram-se as disposições anteriores e a Arte passa a ser obrigatória em toda a educação básica. Uma das características dessa década foram às reivindicações da identificação da arte, que agora possui conteúdos próprios e obrigatórios, deixando para trás a nomenclatura de Educação Artística e a ideia de atividades.

A obrigatoriedade do ensino da arte em toda a formação básica veio criar a necessidade de se introduzir carga horária específica em séries onde não havia a disciplina de Educação Artística, na antiga grade curricular, o que amplia o número de aulas e a necessidade de profissionais para ministrá-las. (CAMPOS, 2002 p. 58).

Pode-se então perceber, que com a LDB 9394/1996 se introduziu a arte ao ensino fundamental, Art. 26⁸, § 2º “Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileira”. Fazendo assim da Arte uma disciplina com referenciais próprios ligados a cultura.

Torna-se importante destacarmos também que a Lei nº. 9.394 foi alterada pela Lei nº. 11.769 de 2008, aprovada em 18 de agosto deste mesmo ano, e que dispõe sobre a obrigatoriedade do ensino da Música na educação básica. O Artigo 26 da Lei de 9394/1996 passa a vigorar acrescido do seguinte parágrafo:

§ 6º A música deverá ser conteúdo obrigatório, mas não exclusivo, do componente curricular de que trata o § 2º.

Vale ressaltar ainda que a lei também esclarece a respeito de que os sistemas de ensino, teriam três anos para se adequar a essa nova exigência legal, tendo em vista a organização dos novos conteúdos a serem trabalhados na disciplina. A aprovação da Lei foi sem dúvida uma grande conquista para a área de educação musical. Todavia, apesar desse prazo já ter se encerrado em agosto 2011, “as instituições de ensino têm encontrado dificuldades para cumprir devidamente esse ponto da lei, porque o número de professores formados em música é pequeno e a contratação [...] prevê gastos com os quais muitas escolas

⁸ A Redação dada pela Lei nº11. 762, de 2008, altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que antes era redigida desta maneira art. 26, § 2º. “O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos”. Modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”.

não têm condições de arcar” (COSTA; BERNARDINO; QUEEN, 2013 p.3). Nas escolas de Marabá não é diferente, muitas ainda não se adaptaram a essa nova exigência, visto que ainda existem grandes desafios que precisam ser enfrentados, como a falta de profissionais habilitados, as mudanças nas estruturas das escolas, a falta de instrumentos musicais diversos, para que se possa, de fato, ter propostas consistentes de ensino de música nas escolas de Marabá.

Cada escola tem autonomia para decidir como incluir esse conteúdo de acordo com seu projeto político pedagógico. [...] O MEC recomenda que, além das noções básicas de música, dos cantos cívicos nacionais e dos sons de orquestra, os alunos aprendam cantos, ritmos, danças e sons de instrumentos regionais e folclóricos para, assim conhecer a diversidade cultural do Brasil. A lei não especifica conteúdos, portanto as escolas terão autonomia para decidir o que será trabalhado (COSTA, BERNARDINO, QUEEN, 2013 p. 1-2).

Para tal, o currículo escolar precisará de uma reorganização dos tempos e espaços em que a escola irá desenvolver os diferentes conhecimentos e valores que durante a construção do seu Projeto Político Pedagógico⁹ - PPP forem considerados necessários para a formação de seus alunos. Por isso elaboração do PPP não poderá servir apenas como uma exigência legal ou a aspecto ligado ao cumprimento de sua formalização textual, mas sim, à qualidade conseguida ao longo do processo de sua elaboração, pois ele somente se estabelecerá em referência para as práticas educativas se os sujeitos da comunidade escolar (diretor, equipe pedagógica, professores, pais, alunos e funcionários) se reconhecerem nela, para referendá-la como tal.

Os sujeitos da comunidade escolar, ao elaborar o PPP da escola, precisam compreender que o ensino de Arte tem papel significativo no desenvolvimento do aluno, assim como as outras disciplinas do currículo escolar, por esse motivo a Arte não poderá ser entendida apenas numa visão reducionista (estética, lazer, prazer), mas sim contribuir para o desenvolvimento da cidadania como um todo.

Cabe à escola, em conjunto com o professor e toda comunidade escolar, promover espaços sociais e tempo para o desenvolvimento das atividades artísticas, de acordo com os instrumentos, técnicas e materiais, considerando-se as seguintes

⁹ Toda escola tem objetivos que deseja alcançar, metas a cumprir e sonhos a realizar. O conjunto dessas aspirações, bem como os meios para concretizá-las, é o que dá forma e vida ao chamado projeto político-pedagógico. O PPP se configura numa ferramenta de planejamento e avaliação que todos os membros das equipes gestora e pedagógica devem consultar a cada tomada de decisão.

especificidades: a linguagem artística a ser trabalhada e o nível e modalidade de ensino a ser considerado.

A obrigatoriedade garantiu a presença da arte na escola. Apesar de tudo, mesmo com todas as reformulações na Lei ainda não se alcança a excelência¹⁰ no ensino. A verdade é que a Arte, de uma forma geral, não tem sido valorizada nas escolas como uma disciplina importante dentro do processo pedagógico. Visto que no PPP das escolas de Marabá, a arte ainda ocupa um espaço muito pequeno, servindo mais como uma contribuição para a apreensão significativa dos conteúdos das outras disciplinas do currículo.

Entretanto, o PCN de Arte vem ratificar que a função da Arte é tão importante quanto à dos outros conhecimentos no processo de ensino e aprendizagem. Em seus objetivos gerais do Ensino Fundamental, os PCN ainda trazem a importância de utilizar as diferentes linguagens incluindo a plástica e a corporal na produção de ideias, uma vez que a Arte privilegia a apropriação de saberes, abrange a criatividade, percepção e favorece a interação dos sujeitos.

A proposta do PCN de Artes para os anos iniciais não apresenta objetivos gerais, apenas conteúdos. Vale ressaltar que esses conteúdos de Artes são propostos de acordo com os três eixos norteadores da proposta triangular defendida pela autora Ana Mae Barbosa, essa teoria defende que o ensino de Artes deve focar três pilares o apreciar, fazer e o contextualizar.

Nesse sentido, o termo apreciar vem referir-se, ao observar, ouvir, interpretar, sentir, analisar, ou seja, uma decodificação da obra de arte que foi apresentada em qualquer uma das linguagens. O fazer por sua vez é toda a produção cultural, diferente e individual, por ser este fazer particular, pertencente a um único indivíduo pelo fato dele expressar sua visão de mundo, sua forma de pensar e sentir o mundo a sua volta. O contextualizar está relacionado ao entendimento do contexto em que a obra foi produzida, como o conjunto está representado nela e a importância da mesma na situação da época em que foi criada, além de relacionar a mesma com a atualidade e com o que ela representa nesta atualidade.

Porém, diante da polivalência no ensino de Artes acreditamos que abordar as quatro linguagens artísticas de forma concreta e objetiva sem nenhuma formação

¹⁰ Excelência, termo utilizado por Ralph Smith em Excelência no Ensino da Arte. In: Arte Educação: Leitura no subsolo (org) por BARBOSA, Ana Mae T. B. Cortez: 1997. Texto no qual ele apresenta quatro propostas que mantêm a preocupação com a qualidade do ensino da arte.

específica já é um grande desafio, e utilizar-se da abordagem triangular nessa abordagem torna-se ainda mais distante da realidade dos anos iniciais do ensino fundamental, devido à precariedade principalmente de formação.

A demanda criada pela atual LDB desvelou uma realidade antiga: o ensino da arte vem, há muito, sendo ministrado por quem não o conhece e que desenvolve uma prática não vivenciada, pois não as vivenciou nem como aluno nem como professor. [...] Desse modo, a maioria do corpo docente em atuação na escola pública, nas séries iniciais, não tem uma formação adequada em educação artística para assumir a responsabilidade pela formação de uma geração [...] (CAMPOS, 2002 p. 59).

Pode-se então perceber que se atribui aos professores dos anos iniciais, a responsabilidade de desenvolver a disciplina na escola. Porém não se deu condições básicas como uma formação consistente, material adequado, espaço e tempo para que ele desenvolva a mesma dentro da sala de aula. São professores que na sua maioria não conhecem, não vivenciam a arte, que não possuem uma formação apropriada que possa lhes auxiliar na sua prática, a fim de assumir uma responsabilidade pela formação desses alunos, fato esse que vem ocasionando um descrédito na proposta desse ensino no município de Marabá.

A não formação do professor em arte para atender a demanda das escolas do município de Marabá torna a disciplina ARTE sem significado, pois a maioria dos docentes do município ainda não possui embasamento teórico e muitas vezes não sabem nem a função da arte na educação, então como eles poderão valorizar o conteúdo e avaliar as atividades propostas aos alunos.

O professor de arte precisará compreender que arte também é conhecimento, e que o objetivo da disciplina não é o de formar artista, mas pessoas que poderão entender o que é uma obra de arte, portanto, ensinar a arte é refletir sobre ela e perceber que ela é um fator humanizador dentro da sala para a formação humana da sociedade.

Nesse sentido, se é papel do professor estimular a capacidade artística de seus alunos, ele também precisará ser estimulado. Pois como poderá o docente incentivar seus alunos a desenvolverem suas habilidades artísticas, se ele mesmo ainda não foi levado a viver essa experiência. O docente necessita vivenciar experiências pedagógicas, didáticas e artísticas, ou seja, é preciso participar deste processo enquanto aluno para que se possa conduzir o processo de ensino e aprendizagem como professor com os alunos em sala de aula.

Mesmo com todas as transformações ocorridas no currículo, o ensino da arte nas escolas em Marabá ainda é muito precário, devido existir uma enorme discordância entre a produção teórica e o acesso dos professores a essa produção, uma vez que essas formações não abrangem a todos os docentes que ministram a disciplina de arte nas séries iniciais do ensino fundamental. Além disso, há uma precariedade tanto nos recursos didáticos que se referem ao assunto, quanto aos professores habilitados para desenvolver essa disciplina nas escolas. Isso já vem sendo discutido pelo próprio PCN-Arte (2001 p.32).

[...] é uma espécie de círculo vicioso no qual um sistema extremamente precário de formação reforça o espaço pouco definido da área com relação às outras disciplinas do currículo escolar. Sem uma consciência clara de sua função e sem uma fundamentação consistente de arte como área do conhecimento com conteúdos específicos, os professores não conseguem formular um quadro de referências conceituais e metodológicas para alicerçar sua ação pedagógica; não há material adequado para as aulas práticas, nem material didático de qualidade para dar suporte as aulas teóricas.

Pode se então perceber que a dificuldade com relação à disciplina de arte se dá devido vários fatores: (falta de materiais adequados, de estrutura no espaço escolar, de profissionais habilitados, de espaço e tempo para a disciplina). Porém o principal é a (falta de) formação dos professores que ministram essa disciplina nas séries iniciais do ensino fundamental, ela não condiz com o modelo de currículo proposto, já que na maioria das vezes não há uma formação continuada e quando existe alguma, é de forma distanciada da realidade do professor, mostrando-se como um processo não significativo para prática pedagógica.

O professor de arte na cidade de Marabá, em muitos casos, apenas obteve a formação inicial em um curso de graduação “qualquer” ou participou de um curso e/ou oficinas de arte com o propósito de formação contínua. Ocasionalmente assim o círculo vicioso que permeia a precariedade no ensino de arte em Marabá. Por isso é tão importante que em sua formação o docente tenha a oportunidade de vivenciar a arte.

[...] é fundamental propiciar um maior número de oportunidades para que o professor vivencie “contextos”, através de múltiplos olhares e sentir, descrever, interpretar, fazer escolhas, preparando-o para selecionar o que aprender e o que ensinar. Desse modo o professor poderá alicerçar uma educação de melhor qualidade (CAMPOS, 2002 p. 108 – grifo do autor).

Para tanto, experimentar o processo criado em arte é a educação inicial para qualquer professor que se encoraje a lecionar Arte na escola. Desse modo, o

docente terá base suficiente para promover a transformação dos sujeitos que com ele fazem arte na escola. O professor então não pode ficar indiferente à arte nesse contexto, ele precisa transformá-la, fazendo dela uma rica oportunidade de construir com seus alunos novos conhecimentos. Mas para isso sua formação deverá colaborar para o seu trabalho pedagógico. “Para que seja possível trazer uma nova realidade, é preciso que o professor primeiro possa olhar, sentir e compreender o que o mundo lhe oferece” CAMPOS (2002 p.84). Existe necessidade de se trazer outra dimensão para a formação de professores, uma abordagem que procure despertar neles seus sentidos, movimento, imaginação, fantasia, linguagens adormecidas, etc.

Pois como afirma FREIRE (1999 p.43 - 44), “[...] na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática” e propor melhorias para o ensino e a aprendizagem da arte, complementando a formação artística dos alunos com base no fazer artístico, apreciar e refletir.

Sendo o professor um dos membros importante no processo de ensino aprendizagem, ele precisa “compreender que à medida que melhorar, sua formação ampliará também seu repertório de vivência e possibilidades de construção de novos instrumentos pedagógicos” CAMPOS (2002 p. 158). Por isso é preciso que o professor de arte esteja em constante formação e transformação, sendo ele um eterno pesquisador, questionador, um agente atualizado que saiba estabelecer relações entre as disciplinas, tornando os conteúdos de arte significativos, dinâmicos e reflexivos tanto para ele como para o aluno.

Para que tal proposta possa se concretizar, o professor não poderá banalizar os conteúdos de arte, eles devem ser ensinados de forma clara e objetiva alcançando o modo de aprender do aluno, fazendo com que as discussões em sala de aula favoreçam o seu aprendizado.

É fundamental que o professor no seu planejamento escolar conheça e organize o conteúdo da disciplina que leciona para que, a partir dele, possa construir caminhos para torná-lo mais acessível à apropriação deste pelos alunos, selecionando e preparando recursos didáticos que lhes auxiliarão nas aulas e que favorecerá ao discente um aprendizado mais significativo quanto às formas artísticas.

O professor precisa levar em consideração que a sistematização e organização curricular dos conteúdos em Arte não consistem de uma listagem linear e estagnada, mas sim de uma diretriz, um caminho que possa gerar a apreensão, subjetivação e objetivação teórica e prática do saber artístico, de forma gradativa e que aos poucos possa ser aprofundada.

No entanto, a precariedade de formação docente para seleção dos conteúdos a serem abordados na disciplina, bem como o desenvolvimento das linguagens da Arte nas séries iniciais do ensino fundamental tem preocupado os professores desde a hora de planejar suas aulas até o momento da avaliação. Visto os métodos avaliativos na disciplina de Artes nas escolas causam agitações e geram polêmicas entre muitos professores. Pois em alguns casos a disciplina e suas formas de avaliação são tratadas como irrelevantes ou menos importantes que as demais disciplinas, situação essa que gera aulas pouco interessantes e distantes do real ensino de arte, o que implica diretamente na avaliação.

1.4 AVALIAÇÃO COMO CONTRIBUIÇÃO PARA UMA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA

A avaliação sempre foi um tema muito polêmico, mas muito debatido no espaço escolar, visto que cada professor tem o seu método avaliativo para saber o que o aluno já aprendeu, no entanto até os dias de hoje persiste o método classificatório, aquele onde o aluno é sentenciado com provas e notas finais, sendo ele julgado e classificado, entretanto essa não é a verdadeira função da avaliação.

Ao definir a avaliação, Luckesi¹¹ (2008), afirma que é um ato amoroso porque é acolhedor, integrativo e inclusivo, e por esse motivo deverá ser resgatada a sua verdadeira função que é de diagnosticar. E sendo ela um ato diagnóstico deverá ter o papel de contribuir para a melhoria da aprendizagem, haja vista que por meio dela o professor, terá a chance de saber quem está precisando de ajuda, dessa forma adotar decisões de como melhorar o ensino, transformar a sua prática para incluir o aluno na construção do conhecimento, fazendo com que eles aprendam o que ainda não sabe, alcançando assim os conhecimentos e os resultados esperados.

¹¹ Cipriano Carlos Luckesi é um dos nomes de referência em avaliação da aprendizagem escolar, assunto no qual se especializou ao longo de quatro décadas. Iniciando em 1968.

Defino a avaliação da aprendizagem como um ato amoroso, no sentido de que a avaliação, por si, é um ato acolhedor, integrativo, inclusivo. Para compreender isso, importa distinguir avaliação de julgamento. O julgamento é um ato que distingue o certo do errado, incluindo o primeiro e excluindo o segundo. A avaliação tem por base acolher uma situação, para, então (e só então), ajuizar a sua qualidade, tendo em vista dar-lhe suporte de mudança, se necessário (LUCKESI, 2008, p.172).

Por tanto, sendo a avaliação o ato de diagnosticar uma experiência, pretendo reorientá-la para alcançar melhores resultados possíveis, ela não poderá ter o papel de classificatória e seletiva, ao contrário, deverá ter a função de diagnóstica e inclusiva. Haja vista que o ato de julgar é classificatório, seletivo e excludente, pois não se destina à construção de melhorias no ensino. Por outro lado o ato de avaliar tem seu foco na construção de avanços na aprendizagem, enquanto o ato de examinar está centrado no julgamento de aprovação ou reprovação, acertos ou erros. Por possuírem particularidades distintas, são atos completamente contrários um do outro, entretanto, muitos professores, em sua prática escolar cotidiana, não fazem essa distinção e, deste modo, realizam exames como se estivessem realizando avaliação.

Professores precisam compreender que não basta o aluno aprender o conteúdo escolar para mensuração de notas e aprovação de ano escolar, embora estas precisem existir no contexto escolar, é primordial os discentes irem além, ou seja, aprender o conteúdo de arte em função de uma necessidade social e a compreensão e utilização do mesmo, rumo a uma intervenção e transformação na sociedade e em si mesmo. Por esse motivo avaliação deve acontecer de maneira bem responsável, levando em consideração os diferentes níveis de aprendizagens que se encontram dentro de uma mesma sala de aula. Ela precisa ter:

a função de verificar se os objetivos propostos foram atingidos e de apontar o que deve ser retomado, para levar a criança a tomar conhecimento do seu processo de trabalho de maneira global e orientar o professor sobre a eficiência dos seus métodos e procedimentos, podendo repensá-los e reestruturá-los com mais segurança (BUORO, 1996 p. 46).

Para tanto a avaliação precisará ter o desempenho de colaborar para o bom desenvolvimento da disciplina, contribuindo na aprendizagem do aluno, já que ele irá fazer uma reflexão sobre suas hipóteses, teorias e raciocínio em relação aos conteúdos ministrados e o professor por sua vez terá a oportunidade de se auto-avaliar e rever sua metodologia em relação aos conteúdos de arte aplicados, tendo a chance de (re) planejar sua prática no objetivo de tentar atingir a todos.

O professor precisa ser um mediador do conhecimento, criar situações cognitivas, fazer avaliação permanente para assim poder avançar e procurar formas para desenvolver com os que ainda não conseguiram, pois não basta apenas que o aluno saiba algo, mas que ele entenda como se construiu o conhecimento a respeito de algo, por isso é tão importante entender e estimular o processo de desenvolvimento da criança, com palavras que expressem amor, coragem e incentivo, dando-lhe liberdade para que com outras escolhas, consiga o resultado adequado e não rotulando, ou seja, impedindo o indivíduo de continuar aprendendo, criando e realizando suas experiências com a arte.

É importante compreender que “a avaliação em Arte constitui uma situação de aprendizagem em que o aluno pode verificar o que aprendeu, retrabalhar os conteúdos, assim como o professor pode avaliar como ensinou e o que seus alunos aprenderam” (PCN - Arte 2001 p. 101). Ela não deve ser apenas para quantificar o aluno, mais sim fazer com que ele se perceba sujeito do processo avaliativo, sendo capaz de parar, refletir e continuar a escala do conhecimento garantindo seu próprio avanço. E o professor por sua vez terá a oportunidade de além de avaliar seu aluno também se auto-avaliar, refletindo e verificado continuamente, se as atividades, metodologia e recursos que ele utiliza estão possibilitando ao aluno alcançar os objetivos propostos em seu planejamento.

Nessa perspectiva, para que a avaliação seja eficiente e eficaz, ou seja, para que realmente exista aprendizagem e não somente penalidade, professor e aluno precisarão dialogar e refletir sobre o que se ensinou e o que se aprendeu durante as aulas de arte, ambos sendo aliados nesse processo de construção do conhecimento, caminhando na mesma direção, criando estratégias de ensino em busca dos mesmos objetivos. Por esse motivo:

[...] Não se pode querer que o educando manifeste uma aprendizagem que não foi proposta nem realizada. [...] Caso os conteúdos sejam essenciais, todos devem ser avaliados; conteúdos que não são essenciais não devem nem mesmo ir para o planejamento, quanto mais para o ensino e, menos ainda para a avaliação. [...] O instrumento de avaliação deve ser compatível, em termos de dificuldade, com o ensinado. [...] Ninguém responde uma pergunta, caso não compreenda (LUCKESI, 2008 p.178).

Portanto, é fundamental o professor perceber como os conteúdos de artes estão sendo compreendidos pelos alunos em cada etapa da sua vida escolar, atentando-se a qual conteúdo deve ser desenvolvido em cada nível de escolaridade, ou seja, o que é necessário ao aluno aprender e desenvolver nessa área de

conhecimento, uma vez que ele - o aluno - construirá o seu conhecimento a respeito de algo a partir das suas experiências e maturidade, e com a arte não é diferente.

Por isso o professor precisa considerar alguns critérios na sua avaliação como o processo de produção, o percurso que o aluno desenvolveu tanto individual como coletivamente, sua busca em aperfeiçoar seu conhecimento, suas dificuldades e conquistas, respeitando, valorizando, aperfeiçoando e conhecendo o direito a preservação da sua cultura e das demais como fonte de documentação para as novas gerações.

A avaliação precisa ser feita não de maneira tradicional onde o professor chega com os famosos questionários e os alunos deverão dar as respostas prontas e acabadas, sem fazer reflexão. “O ato avaliativo não pode ser uma simples mensuração de produtos finalizados. Isso porque nem sempre o resultado de um trabalho em arte reflete os procedimentos e as motivações presentes em seu surgimento” (FERRAZ & FUSARI, 1993 p.123). A avaliação em Artes precisa acontecer de forma dinâmica, por meio de imagens, dramatizações, etc.

Todavia, avaliar também consiste em construir uma síntese do que os alunos estão aprendendo, por isso a avaliação precisa ser diagnóstica e descritiva, por meio de registro, com a finalidade de comunicar o andamento do processo ensino e aprendizagem, comparando o que o aluno sabia no início do processo e os saberes que adquiriu durante este movimento.

Os registros fazem-se necessários na aula de arte, pois é por meio deles que se farão as anotações como registro fotográfico, construção de portfólio e obras artísticas produzidas pelos próprios alunos, entre outras. Bem como, é possível o professor acompanhar e avaliar tudo o que é vivenciado e produzido pelo aluno, e assim fazer uma avaliação mais significativa, tanto para ele como para o aluno.

1.4.1 Os registros

O professor precisa criar sua própria forma de registro (diário de bordo, portfólio, etc.), como uma estratégia de acompanhar sua turma durante todo o processo de ensino, conhecendo e entendendo o verdadeiro significado dos registros. Por outro, os alunos, orientados pelo professor, também podem e devem criar sua forma de registrar a sua produção artística e estética, como uma forma de documentar a sua trajetória nas aulas de arte. Sendo, portanto, fundamental que

esses registros sejam compostos por textos, desenhos, rascunhos, reflexões, fotos, produção individual e/ou em grupos etc. Assim como, é um mapeamento de toda a trajetória do aluno, em que se pode mostrar o seu envolvimento no processo do ensino e aprendizagem da Arte. Cada registro deve ser único e individual com a marca e o toque especial de quem o fez.

Os registros são elementos fundamentais nas aulas de Artes. É por meio da escrita sobre aquilo que se ensinou ou que se aprendeu, que professores e alunos refletirão, organizarão seus pensamentos e sintetizarão ideias de forma consciente. “Nessa escrita, o professor vai construindo índices para uma reflexão sobre o que é o trabalho com os alunos no dia a dia” (MARTINS; PICOSQUE; GUERRA, 2009 p. 135). No ato de registrar o docente estará constantemente avaliando seu discente de forma qualitativa, pois esse exercício contínuo permitirá que ele perceba melhor os obstáculos, progresso, retrocesso e limites de seus alunos, tendo a oportunidade de rever, criar novas intervenções e tentar novas possibilidades, novos caminhos, repensando, redefinindo e se necessário mudando sua prática pedagógica.

Cabe ao professor anotar cada momento de avanço e sempre estar atento não para o realizado, ou seja, para o produto final, mas sim para o processo que houve durante a realização, pois com esses registros as crianças terão a oportunidade de perceber seus avanços nas diferentes modalidades de expressões e linguagens e os professores por sua vez terão a chance de se auto-avaliarem, passando “(...) a entender a reflexão, a observação e a documentação como partes integrantes do processo de formação permanente e de construção de identidade profissional dos educadores” (OSTETTO, 2004 p.32). Possibilitando a eles revisarem o que fizeram e partilhar com outros profissionais seus avanços e angústias, despertando a sensibilidade de respeitar e entender que, tanto as obras produzidas por seus alunos como as obras produzidas pelos artistas devem ser apreciadas e compreendidas como arte.

Para isso se faz necessário que o professor tenha um olhar para além das aparências, observando, interpretando os registros dos alunos de forma sensível e investigativa sem desconsiderar nenhuma pista. É papel do docente, ler nas entrelinhas, dialogar com os alunos sobre sua prática tendo clareza do papel da Arte na educação e quais objetivos ele pretende alcançar no ensino e aprendizagem da Arte.

Para tal o professor de arte, precisará estimular seus alunos para que eles se identifiquem com suas próprias experiências, e animá-los para que ampliem, na medida do possível, os conceitos que expressam seus sentimentos, suas emoções e sua própria sensibilidade estética, compreendendo a importância da arte na sua vida.

Por meio da arte o aluno terá a possibilidade de se socializar, se integrar, se adaptar, conhecer-se a si mesmo e aos outros por meio da convivência e pela relação com objetos de Arte, conhecer a história de outros povos em contato com a pintura, a música, o teatro e assim perceber a contextualização do fazer artístico ao longo da história humana.

Para isso, a disciplina Arte na escola precisará garantir que os alunos conheçam e vivenciem aspectos técnicos, inventivos, representativos e expressivos em música, artes visuais, desenho, dança, teatro, música, artes plásticas, pintura e outras diversas formas de atividades artísticas, com um trabalho consistente e sólido que leve o aluno à análise, reflexão e transformação através das criações artísticas.

Perante a isso, necessitamos de uma educação transformadora, que forme cidadãos críticos e conscientes de seus papéis. Para isso faz-se indispensável uma metodologia dinâmica desse ensino dentro de um currículo escolar, centrada em condições didáticas que promovam a ampliação dos saberes e participação em atividades significativas, indicando realmente sua importância para a sociedade, que ainda não é convencida dos benefícios que o ensino da arte pode desenvolver no sujeito.

CAPÍTULO II

2. OBSERVAR E SIGNIFICAR O ENSINO DA ARTE NA ESCOLA

O percurso metodológico é primordial para o desenvolvimento da pesquisa, percorrê-lo é a garantia de que os resultados surgirão logo que se experimente o processo significativo na pesquisa. Minayo (1994 p. 16) apresenta uma definição fundamental para se pensar a pesquisa como sistema de uma prática na realidade: “metodologia é o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade”, [...] “inclui as concepções teóricas de abordagem, o conjunto de técnicas que possibilitam a construção da realidade” (p.16). Por isso a construção de um processo metodológico estruturado que leva em consideração todo o percurso traçado, garante a aplicação de técnicas e a fidelidade analítica, isto é fundamental para a realização da presente pesquisa.

O estudo organizado, neste capítulo, apresenta o caminho percorrido para a realização da investigação, tendo como palco da ação a escola Municipal de Ensino Fundamental Albertina Sandra Moreira dos Reis. Para tanto, descreve-se as ações, as estratégias fundamentais pertinentes a este tipo de pesquisa, definindo a abordagem, caracterizando o local, bem como o modo que se deu a entrada no espaço a ser pesquisado, especificando os instrumentos e os procedimentos utilizados, assim como mostrando o envolvimento dos sujeitos nesse processo.

2.1 CONHECENDO A ESCOLA ALBERTINA SANDRA MOREIRA DOS REIS

A escola Municipal de Ensino Fundamental Albertina Sandra Moreira dos Reis, na qual foi desenvolvida esta pesquisa, possui um Projeto Político Pedagógico (PPP), o qual foi construído com a participação coletiva, ou seja, de toda a comunidade escolar (diretor, equipe pedagógica, professores, pais, alunos e funcionários), a fim de definirem metas e finalidades de interesse comum a todos os

membros da escola, nele está relatado como foi sua construção, com a participação dos professores, pais e alunos, buscando assim uma gestão democrática.

Durante o período da pesquisa que compreendeu de fevereiro a maio do ano de 2013, descobriu-se que a escola Albertina Sandra Moreira dos Reis, recebeu este nome em memória uma educadora muito conhecida no município, Albertina Sandra Moreira dos Reis, a qual era conhecida como Beta Moreira¹² (1954, 2006), que colaborou e contribuiu muito para o desenvolvimento da educação no município de Marabá.

A construção da Escola Albertina Moreira dos Reis, partiu de uma luta conquistada pela diretora da Associação Comunitária Beneficente de Marabá (ASCOMBE), Emiliana da Silva Santos, junto à comunidade do bairro da folha 06, local onde a escola está inserida. Diante disso, a escola foi inaugurada no dia 30 de janeiro do ano de 2008, pela governadora Ana Julia Carepa¹³, onde a entregou ao município Marabá toda equipada, com 08 salas de aula, carteiras, lousas, iluminação, ventiladores, cozinha com depósito para guardar merenda, extintores para incêndio, laboratório de informática, com 20 computadores, sala de vídeo, quadra de esporte pronta para funcionar.

O prédio da escola Albertina Sandra Moreira dos Reis hoje contém: biblioteca com um extenso acervo, sala de informática, pátio coberto, cantina, quadra esportiva coberta, refeitório com acomodações, banheiros e salas de aulas. No que diz respeito a dados históricos da instituição, encontram-se relatos no PPP da escola

¹² Beta Moreira era uma educadora concursada e lotada na rede municipal de ensino de Marabá, era farmacêutica bioquímica, formada pela Universidade Federal do Pará, mas abraçou a causa da educação nos municípios de Abel Figueiredo e Marabá a partir da década de 1970, convidada pelas irmãs religiosas Rebeca e Dorothy Stang. Em 1978, ingressou no Movimento da Educação de Base (MEB), onde exerceu o trabalho de educação popular, foi lá que conheceu seu marido Ademir Martins. Beta Moreira concluiu o curso de Administração escolar, em São Paulo e durante o primeiro governo do prefeito Geraldo Veloso em 1997, foi secretária de educação de Marabá. Em 2005 um câncer afastou a Beta do convívio dos amigos e familiares (PPP da escola).

¹³ Ana Julia Carepa, ex-governadora do Pará, exerceu o mandato até janeiro de 2011. Nascida em Belém do Pará, Ana Júlia de Vasconcelos Carepa, 45 anos, começou na política como líder estudantil, na Universidade Federal do Pará. Depois de formada em Arquitetura, passou a atuar no movimento sindical. Funcionária de carreira do Banco do Brasil, foi representante dos trabalhadores no Conselho Nacional da instituição. Em 1992, elegeu-se vereadora em Belém e quatro anos depois chegou à Câmara dos Deputados. Em 1997, integrou uma chapa do PT para a Prefeitura de Belém, elegendendo-se vice-prefeita e acumulando também a Secretaria Municipal de Urbanismo. Em 2004 candidatou-se à prefeitura, tendo Avelina Resket como sua vice. Perdeu para o também senador Duciomar Costa, do PTB. Em 2006 Ana Júlia candidatou-se ao governo do Pará, tendo Odair Corrêa como seu vice, sendo eleita como a primeira mulher a governar o estado como governadora titular, com 1.673.648 votos, o equivalente a 54,93% dos votos válidos no segundo turno. Tomou posse como governadora no dia 1º de janeiro de 2007 quatro anos restavam de mandato no senado Federal para José Nery, do PSOL. Nas eleições de 2010 foi derrotada pelo candidato do PSDB, Simão Jatene.

desde a sua origem, os primeiros diretores, reformas, enfim, tudo devidamente registrado.

Atualmente a Escola Municipal e Ensino Fundamental Albertina Sandra Moreira do Reis funciona em três turnos, sendo eles do 1º ao 5º ano do 1º ciclo nos turnos matutino e vespertino, atendendo a um público de alunos que varia na faixa etária de 06 a 12 anos e no período noturno trabalha com a Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Os alunos atendidos pela escola no 1º ano do 1º ciclo são oriundos da educação infantil que funciona na creche do Caic, localizado no folha 12, os demais ano/ciclo são alunos da escola, pois eles não se transferem e quase não existe caso de alunos novatos, ou seja, ao iniciar o ciclo o discente finda até o 5º ano, eles só se movimentam, ou sejam mudam de escola com a mudança dos pais para outras localidades.

A escola Albertina Sandra Moreira dos Reis envolve um conjunto de atividades e arca um compromisso social, pois têm em seu corpo, profissionais de diferentes áreas de atuação (agente de portaria, de serviços gerais, professores, diretor, vice-diretora, coordenadora e equipe técnica), na qual todos se envolvem no processo educacional, desde a recepção dos alunos, a organização e a limpeza da escola, cuidados esses que fazem a diferença no trabalho pedagógico com esses alunos.

2.2 PARA PENSAR O PERCURSO DO OBJETO NA PESQUISA

A pesquisa qualitativa é proposta neste estudo, uma vez que se trata de uma abordagem que leva em consideração o nível intensivo da realidade pesquisada. Quer dizer que a qualidade próxima do fenômeno é aquela que se apresenta em torno do ensinar e aprender arte na escola, como sendo o aspecto necessário que é preciso parar para ser olhado, observado e discutido no seu lugar de origem. Buscando alcançar a compreensão dos significados da realidade focada por meio do papel atribuído à escola Albertina Sandra Moreira dos Reis.

Considera ainda um outro fator nessa intensidade que as aulas de arte precisam contribuir para o desenvolvimento artístico e estético do aluno. Logo, a pesquisa participante será modo de vivenciar com os alunos e professores a realidade intensiva do fenômeno. De modo geral “se faz apenas de forma

aproximativa [...]. Mesmo como estratégia aproximativa faz sentido, porque traz a preocupação com o tratamento mais honesto da população”, pois tanto o pesquisador como os participantes da pesquisa interagirão do modo cooperativo para o desenvolvimento da mesma. Demo (1995 p. 241). Sendo esta pesquisa de abordagem qualitativa, na qual busca estudar as aulas ministradas pela professora de arte da escola Albertina Sandra Moreira dos Reis, ela segue alguns parâmetros definidos por Ludke e André (1986), no qual apresentam cinco características básicas para se pensar em pesquisa qualitativa, sendo eles:

- 1) A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento.
- 2) Os dados coletados são predominantemente descritivos.
- 3) A preocupação com o processo é muito maior do que com o produto.
- 4) O significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador.
- 5) A análise dos dados tende a seguir um processo indutivo (p. 11-13).

Portanto, para atribuição de significados as análises das interações observadas e a compreensão do entendimento dos sujeitos envolvidos na pesquisa quanto a sua concepção diante do ensino da arte, na qual admitiu que fossem formadas relações comunicativas com as pessoas envolvidas na pesquisa, professora de arte, alunos, pais de alunos e coordenadora pedagógica da escola Albertina Sandra Moreira dos Reis, com o intuito de sermos aceitos, permitindo assim ter uma visão profunda e ampla da presença da arte neste espaço, isto é uma aproximação real com as aulas de arte desenvolvida na escola e afastamento tático para refletir e analisar a realidade em questão.

Considerando as peculiaridades da abordagem qualitativa no desenvolvimento do trabalho constituído, observa-se ainda a importância de pensar o ensino e a aprendizagem da arte dentro de um contexto cultural amplo, não se reduzindo ao espaço escolar. Porém mediante essa abordagem, a nossa investigação se processa basicamente em três etapas que se resume em uma primeira fase exploratória que segundo Ludke e André (1986 p.32) “[...] é o momento de especificar as questões ou pontos críticos, de estabelecer os contatos iniciais para a entrada em campo, de localizar os informantes e as fontes de dados necessários para o estudo”, com o objetivo de coletar maiores informações sobre como é trabalhada a arte na escola Albertina Sandra Moreira dos Reis, fizemos um contato inicial com a coordenadora pedagógica, professora de arte, pais e alunos; a segunda etapa da pesquisa envolveu técnicas e ferramentas de pesquisa, três

momentos desta foram realizados: elaboração, aplicação ou execução e organização da coleta realizada e uma terceira etapa que se constitui tabulação e explicação dos dados coletados, analisando-os a luz dos fundamentos teóricos. Desta forma explicitaremos cada uma das etapas nos tópicos a seguir.

2.3 O CONTATO INICIAL COM OS SUJEITOS DA PESQUISA

A primeira providência para a entrada a campo se deu a partir das relações de amizade construídas com uma funcionária da escola, na qual nos apresentou a direção da instituição. O primeiro contato com a direção e a coordenação pedagógica da escola Albertina Sandra Moreira dos Reis se deu em fevereiro de 2013, com uma conversa informal, na qual os mesmos consentiram que a pesquisa fosse realizada na escola. Diante disso procurei conhecer os sujeitos que contribuiriam com o desenvolvimento desta pesquisa. Sendo a coordenadora que facilitou a nossa entrada a campo e o contato com o PPP da escola, além de contribuir com as entrevistas, a professora de arte que nos permitiu que observássemos as suas aulas, respondeu ao questionário e também compartilhou conosco um pouco de sua experiência com a arte, os alunos que colaboraram com a pesquisa respondendo as entrevista e permitindo que investigássemos suas aulas e os pais que se dispuseram de seu tempo livre para cooperar com as entrevista e partilhar sua vivência com a arte vivida no seu tempo de aluno.

O contato inicial com a professora de arte e os alunos envolvidos na pesquisa aconteceram em fevereiro, logo após a permissão concedida pela direção da escola Albertina Sandra Moreira dos Reis. Já o contato com os pais só foi possível em maio quando já tinha um tempo de observação nas turmas pesquisadas e um contato maior com os pais.

A partir do contato com a professora de arte da escola, apresentei a ela o foco de estudo da pesquisa, o qual era voltado para a observação das aulas de arte ministradas por ela, e que também gostaria de contar com o seu apoio para a realização desta pesquisa. A mesma concordou e a partir de então se estabeleceu um período para as observações das aulas.

Durante os períodos das observações participantes, foram construídas relações afetivas com os alunos e a professora de arte, o qual logo em seguida me

possibilitou a utilização das técnicas para a realização da pesquisa, estratégias das quais serão apresentadas no próximo tópico.

2.4 ESTRATÉGIAS DE INVESTIGAÇÃO E OS SUJEITOS ENVOLVIDOS

Nas técnicas de investigação, as quais se encontram todas anexas¹⁴ a este trabalho, constata-se num primeiro momento da pesquisa a importância proveniente de dados coletados em observações participantes das aulas de arte, com anotações referentes aos trabalhos desenvolvidos nessas aulas na escola Albertina Sandra Moreira dos Reis.

No segundo momento da pesquisa foi aplicado um questionário. Apesar de haver possibilidades de diferentes instrumentos de coleta de dados o questionário pode ser muito útil para obter informações, já que “se destina a levantar informações escritas por parte dos sujeitos pesquisados, com vista a conhecer a opinião dos mesmos sobre o assunto em estudo”. (Severino, 2007 p.125). Nesse sentido, foi aplicado um questionário fechado com dezoito (18) questões, a fim de traçar o perfil do primeiro sujeito da pesquisa, que se refere à professora da disciplina de arte da escola, a qual é concursada pelo município, há oito anos trabalha com a disciplina de arte e há cinco anos desenvolve trabalhos com a disciplina de arte nesta escola, mesma possui o magistério, é formada em Filosofia, Pedagogia e com especialização em Psicopedagogia, também possui curso adicional em arte realizado na Universidade da Amazônia (UNAMA) e ainda participa de uma formação contínua que é oferecida pela Secretaria Municipal de Educação (SEMED) a professores que trabalham com a disciplina da arte na rede municipal.

Como outra estratégia de investigação da pesquisa, foram utilizadas entrevistas semi-estruturadas, realizada em grupos, com o segundo sujeito desta pesquisa que corresponde aos alunos do 1º ao 5º ano do 1º ciclo, regulamente matriculados na escola, que variam na faixa etária de seis (06) a doze (12) anos de idade e o terceiro sujeito que está relacionado a três (03) pais de alunos com formações bem diversificada sendo um (01) com o Ensino Fundamental incompleto, um (01) com o Ensino Médio e um (01) cursando o Ensino Superior em pedagogia.

¹⁴ Os anexos constam no final deste trabalho, no qual se encontram as técnicas utilizadas na pesquisa como entrevistas estruturada e semi-estruturada, questionário e roteiro de observações, instrumentos nos quais nortearam essa pesquisa.

Para os pais as entrevistas aconteceram de forma individualizada. Segundo Pádua (2000), a técnica de entrevista semi-estruturada permite aos pesquisados falarem livremente sobre assuntos que surgirão com o desdobramento do tema principal, o que nos ajudou a compreender melhor algumas questões das quais ainda não tínhamos nos atentado nas entrevistas, quanto à concepção que eles têm sobre o ensino da arte.

Em seguida, com a quarta sujeita da pesquisa, que diz respeito à coordenadora pedagógica, formada em pedagogia, concursada da rede municipal e que está atuando na escola há apenas três meses, foi utilizada outra estratégia de investigação, sendo ela uma entrevista estruturada, seguida a partir de um roteiro previamente preparado, qual continha doze (12) questões relacionadas ao objetivo da pesquisa.

As entrevistas foram realizadas durante os meses de abril e maio de 2013, sendo que todas aconteceram nas dependências da escola Albertina Sandra Moreira dos Reis exceto o questionário que foi respondido pela professora de arte, esse foi entregue a mesma e depois foi devolvido respondido em partes, pois algumas questões precisaram de esclarecimentos por parte dos pesquisadores.

As entrevistas individuais tiveram o prévio consentimento dos entrevistados, sendo apresentadas de forma integral como no anexo 02 e 04, sendo submetida à apreciação das respostas. A partir das leituras das entrevistas e do questionário procedeu-se a sistematização dos dados que permitiu a criação de categorias para a interpretação e análise dos resultados.

2.5 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

As respostas da coordenadora pedagógica, da professora de arte, dos pais e dos alunos da escola Albertina Sandra Moreira dos Reis trouxeram dados importantes sobre os recursos e os espaços onde são desenvolvidas as aulas de arte, bem como a metodologia e a avaliação do ensino da arte. Sendo assim os resultados nos possibilitou traçar o perfil dos participantes e compreender a sua concepção quanto ao ensino da arte.

A partir das respostas criamos as categorias de análise com base nos depoimentos dos participantes. Uma vez criada às categorias de análise, que “foram utilizadas para elaborar as descrições”, foram tabulados os depoimentos de cada

sujeito participante desta pesquisa em ordem das perguntas apresentada nas entrevistas e questionário. Com base nesse quadro de tabulação foi elaborada a análise dos dados (SZYMANSKI, ALMEIDA, PRANDINI, 2004 P.80).

A partir das leituras das entrevistas e do questionário procedeu-se a sistematização, isto é as transcrições de todas as entrevistas, analisando cada uma com o objetivo de encontrar a compreensão que os participantes tinham do ensino da arte. As respostas da coordenadora pedagógica, dos pais e da professora de arte constituiu-se a categoria compreensão do ensino da arte.

Por conseguinte, durante o trabalho de análise das repostas, percebemos que além da categoria compreensão do ensino da arte, outros temas foram surgindo e abrindo um leque de possibilidades em relação às interpretações das respostas da coordenadora pedagógica, da professora de arte, dos pais e dos alunos pesquisados. Desta forma, decidimos criar novas categorias, a partir dos agrupamentos por assuntos, visto que estas se mostraram relevantes para a compreensão das aulas de arte desenvolvida na escola Albertina Sandra Moreira dos Reis. Sendo assim, as nomeamos de acordo com os assuntos aproximados, assim além da categoria já mencionada, foram criadas as categorias linguagem artística, conteúdo, registro, avaliação, espaço, material e tempo.

2.5.1 Compreensão da coordenadora pedagógica sobre o ensino da arte

Mediante a entrevista realizada com a coordenadora pedagógica da escola Albertina Sandra Moreira dos Reis quanto a sua compreensão sobre a importância do ensino da arte. Foi constatado que havia uma concepção por parte dela de que a arte é uma disciplina tão importante quanto às outras e que por esse motivo o aluno desde cedo já deveria ter contato com a mesma e que por esse ensejo ela não abriria mão do ensino da arte na escola.

Considero a arte muito importante que se tenha aulas de arte nas escolas que trabalham com as séries iniciais. Porque é principalmente nas séries iniciais que a criança precisa se apropriar dos códigos linguísticos, criar, inventar e desenvolver sua imaginação. Eu particularmente jamais abriria mão de no 1º segmento sempre ter aula de artes, pois é nessa faixa etária que a criança viaja na sua imaginação e a arte contribui muito para isso. (COOR. PEDAGOGICA. ANEXO 02 P.81).

O depoimento sinaliza que na visão da coordenadora pedagógica da escola, o ensino da arte é importante e fundamental para o desenvolvimento do aluno, e que

por esse motivo ela entende que desde o 1º ano ele já deveria ser inserido no mundo da arte, visto que eles já trazem uma experiência de vivência com arte desenvolvida na sua cultura, porém a linguagem artística adquire caráter ainda mais significativo na escola porque a sua produção envolve tanto os aspectos cognitivos quanto os aspectos afetivos, intuitivos, sensíveis e estéticos. A reposta da coordenadora vai ao encontro às afirmações de Ferraz & Fusari (p. 41-42), que diz que:

Desde bem cedo a criança percebe que os seres e as coisas com o quais convive se apresentam com semelhanças ou diferenciações, com afetividade ou não, colhendo-a ou rejeitando-a dando-lhe prazer ou desprazer. Com relação ao mundo sensível ela poderá distinguir, dentre outras, as nuances de cores, de materiais, de sons, de melodias, de gestos, de tempos e de espaços.

Pode-se então perceber, que é nessa etapa, que as crianças vão desenvolvendo a linguagem e construindo os significados de seu mundo, pois apesar de pequena elas já participam das práticas sociais e culturais em sua família, do meio que a cerca, enfim dos grupos com os quais convive. Através da arte elas têm a oportunidade de esclarecer com maior consistência os seus sentimentos, além de ter a possibilidade de desenvolver a imaginação, aumentar o conhecimento histórico e cultural, além de proporcionar momentos entre o sentir e o pensar. Assim, ao mergulhar no processo de produção artística, os alunos desenvolvem uma série de pré-requisitos muito importantes para o desenvolvimento da aprendizagem, como o pensamento, a imaginação, a sensibilidade, a intuição e a percepção.

2.5.2 Compreensão da professora sobre ensino da arte

A compreensão que a professora de arte da escola Albertina Sandra Moreira dos Reis, tem sobre o ensino da arte é bem diferente das quais eles vivenciou no seu tempo de aluna, pois apesar de ter vivenciado um ensino da arte pautado nas tendências tradicionais onde suas aulas eram fundamentadas nas pinturas de desenhos feitos pelo professor de sala (polivalente), pois não havia um professor para desenvolver a disciplina de Educação Artística (nomenclatura da disciplina de arte antes da LDB de 9394/96), outras vezes faziam desenhos pautados nos modelos criados pelo professor. Em seu depoimento ela reconhece a importância da disciplina de arte para o desenvolvimento do conhecimento dos alunos.

No meu tempo escolar não eram aulas de arte, mas sim de Educação Artística, onde se resumia muito no desenho e na pintura. Enquanto que na disciplina de arte de hoje o conhecimento é bem mais amplo, porque os alunos tem a oportunidade de conhecerem artistas, de trabalharem sua cultura, de produzirem arte, contribuindo assim para o seu desenvolvimento crítico e estético (PROFESSORA D, ANEXO 01, P.79-80).

Desta forma é possível observar que a professora tem consciência da mudança que ocorreu no ensino da arte e que hoje é apresentado como área do conhecimento. Sendo assim, é percebível uma preocupação por parte dela de que o ensino da arte seja pensado como conhecimento, mas que a prática não deva ser abandonada, pois o prazer do fazer estético é fundamental para o crescimento do aluno. “Hoje arte tem um peso igual à outra disciplina, é uma área do conhecimento e não momento de bagunça, distração ou de decoração da escola em datas comemorativas” (PROFESSORA D, ANEXO 01, P.79-80). A evidência proporcionada pela fala da entrevistada denota a preocupação de que a arte não esteja a serviço das outras disciplinas, pois esta tem seu espaço na escola e é por isso que o ensino da arte desenvolvido na escola prioriza o conhecimento sem desvinculá-lo do fazer e do pensar. Nessa perspectiva, Ferraz & Fusari (1993, p. 20), assegura que:

Na escola, os objetivos educacionais em arte a serem alcançados referem-se ao aperfeiçoamento do saberes, pelos alunos (com ajuda dos professores), sobre o fazer e o pensar artístico e estético, bem como sobre a história dos mesmos. Os componentes do processo artístico (artistas, obras, publico, comunicação) e as histórias de suas relações podem tornar-se fontes instigantes para a organização e desdobramento dos tópicos de conteúdos programáticos escolares, tanto no que se refere ao fazer como também ao pensar a arte pelos estudantes.

Para tanto, é indispensável que a professora de arte, crie situações de aprendizagem nas quais os alunos possam estar em relação com o número variado de produções artísticas, não apenas vinculado ao seu ambiente cultural, mas se possível também de outras culturas, para que assim, se construa o conhecimento significativo em arte que leve em consideração a imaginação, o fazer e o refletir artístico do seu alunado.

Assim sendo, a professora ao fazer suas considerações sobre a importância do ensino da arte, ela dá ênfase a além do conhecimento vivenciado pelo aluno, ela enfatiza a sensibilidade, ou seja, que este ensino leve o aluno a olhar o mundo mais sensivelmente. Em sua fala a docente indica a preocupação que a escola possui com a formação artística dos alunos.

É através da arte que o indivíduo se torna mais sensível, criativo e crítico. Pois ela trabalha a sensibilidade e a possibilidade de transformar materiais e também atuar com eles. Atualmente a expressão do sentimento tem espaço garantido na disciplina (PROFESSORA D, ANEXO 01, P.79-80).

O depoimento da professora sinaliza que o ensino da arte proporciona formação de um ser sensível, criativo e crítico o que remete aos estudos de Campos (2002, p. 90-91), em seu posicionamento, de que “a educação escolar tem, portanto, o compromisso em formar e desenvolver as capacidades sensíveis dos alunos para que estes se façam sujeitos na escola de hoje e amanhã construam as mudanças que hoje já se fazem urgentes”. Desta forma, é possível compreender o quanto a arte é essencial ao ser humano de uma forma ou de outra, contribuindo para a inserção do aluno no meio social, pela formação do ser pensante.

De modo geral, compreendemos que a abordagem da professora sobre a importância da disciplina de arte abrange seu papel no desenvolvimento do conhecimento e da sensibilidade, proporcionando a imaginação e criação, por meio desenvolvimento da disciplina. Emerge da fala da professora a ideia de que as atividades artísticas proporcionam prazer, oportunizando a recriação, a transformação, desenvolvendo assim a criatividade e o senso crítico dos alunos.

2.5.3 Compreensão dos pais sobre o ensino da arte

Nesta abordagem acerca do que os pais pensam sobre a Arte, foi possível perceber que na maioria dos casos, os familiares ainda se pautam no que aprenderam em seu tempo de escola. Pois de acordo com as respostas sobre o entendimento da Arte, por exemplo, apresentam ora expressões “desenho e pintura”, ora uma concepção baseada em tendências pedagógicas, específica como se percebe no depoimento de uma mãe que está cursando o ensino superior em pedagogia que interrogada sobre o que entende por Arte respondeu: “é uma maneira de expressar a realidade, de aprender a desenhar e pintar e também do aluno desenvolver sua sensibilidade e criatividade, por meio das produções artísticas” (Pai. L, ANEXO 04 P. 83). A concepção de Arte como forma desenvolver a criatividade por meio das experiências deriva da tendência da pedagogia renovada na quais as experimentações e as pesquisas estavam a serviço do conhecimento. O depoimento traz à tona ainda a relação arte e realidade, ao enfatizar a Arte como forma de sensibilizar o sujeito que aprecia a obra de Arte, a música, a dança.

Nesse sentido, são diversas as percepções expressadas pelos pais da escola Albertina Sandra Moreira dos Reis, quanto ao seu entendimento a respeito da arte e aprendizagem de seus filhos com relação a essa disciplina, pois existem pais que vêem o ensino da arte como domínio de técnicas, como podemos perceber na declaração de uma mãe que tem apenas o ensino fundamental incompleto. “As aulas de artes podem fazer meu filho ser um, desenhista” (Pai. M, ANEXO 04 P. 83). Manifestando assim uma concepção que ainda está baseada na tendência idealista liberal apoiada na pedagogia tecnicista, a qual vê as aulas de artes como aprendizagem de técnicas para formação de artistas.

Diante de todo o exposto, também descobrimos na escola pais que vêem à arte como uma disciplina tão importante e necessária como as demais do currículo escolar, e que por esse motivo incentivam os estudos de seus filhos, valorizando suas produções, se envolvendo e contribuindo nas atividades, demonstrando assim verdadeiro interesse e apoio, apesar de alguns não participarem com frequência, talvez por motivo de trabalho ou por alguma outra situação.

Acompanho pouco as aulas de arte da minha filha, mais sempre que vou à escola gosto de ver os trabalhos de arte dela, que sempre ficam expostos no mural e/ou na sala de aula. São trabalhos muito bonito e bem criativo, pois tem uma variedade de materiais que ele utiliza. Gosto muito de fotografar e mostrar para as minhas colegas os trabalhos da minha pequena artista (Pai. R, ANEXO 04 P. 83).

Pode-se então compreender que apesar de alguns pais afirmarem que não acompanham continuamente as aulas de arte de seus filhos, demonstram interesse pelas suas produções artísticas e as estimulam. Fatos esses evidenciados durante as observações, pois em vários momentos, como na reunião de pais e mestres, onde os responsáveis pelos alunos procuravam a professora de arte para saberem sobre o desenvolvimento de seu dependente, nas apreciações em exposições nos murais da escola, nos comentários e nas manifestações gestuais, na ânsia de registrar com fotos e filmagens. Nessa perspectiva, Ferraz & Fusari (1993, p. 57) diz que:

[...] durante suas criações ou fazendo atividades de seu dia-a-dia, as crianças vão aprendendo a perceber os atributos constitutivos dos objetos ou fenômenos a sua volta. Elas aprendem a nomear esses objetos ou fenômenos, sua utilidade, seus aspectos formais (tais como linha, volume, cor, tamanho, texturas etc.) ou qualidades estéticas [...]. Mas, para que isso ocorra, é necessária a colaboração do outro, do professor, dos pais etc.

Para tanto, é imprescindível à participação dos pais na educação de seu filho, a fim de incentivarem-no, fazendo com que o aluno tenha mais autonomia e sinta mais motivado nas suas produções, já que ele é encorajado tanto na escola como fora dela. É, portanto, necessário repensar o Ensino de Arte, visto que na atualidade, esta propõe uma ação educativa criadora, ativa e centrada no aluno para que este encontre um espaço para o seu desenvolvimento pessoal e social por meio de vivência e posse do conhecimento artístico e estético.

2.5.4 Linguagem artística e conteúdo

No período da pesquisa realizada na escola Albertina Sandra Moreira dos Reis, foi possível constatar que a professora de arte ao desenvolver seus trabalhos com a disciplina de arte, dá ênfase à linguagem das artes visuais de acordo com a sua formação e também pelo fato de participar de uma formação continuada, na qual foca as artes visuais.

Trabalho com artes visuais, na qual desenvolvo trabalho com pintura, colagem, desenhos, mosaico e montagem de cartazes e murais. Também trabalho com a biografia e obra de alguns autores. Pois participo de uma formação na qual estudo assuntos relacionada às artes visuais (formação continuada oferecida pela SEMED, que serve como um planejamento mensal) (PROFESSORA D, ANEXO 01, P.79-80).

Desta forma, foi possível averiguar que a professor de arte ministra a disciplina focada nas artes visuais, e que as outras linguagens música, teatro e dança, são desenvolvidas em algumas comemorações da escola. Nesse sentido os conteúdos selecionados a serem trabalhados com os alunos visam atingir as habilidade e competência referentes às artes visuais.

Sendo assim, a professora ministra a disciplina de acordo com os estudos realizados em sua formação continuada, oferecida pela SEMED, que está voltada para as artes visuais, selecionando conteúdos a partir da proposta curricular do município, a qual esta orientada pelos PCNs. No que diz respeito ao ensino da arte, essa proposta apresenta as habilidades necessárias para adquirir as competências estabelecidas em cada uma das linguagens artísticas. Contudo a professora trabalha os conteúdos sugeridos na proposta, porém sempre dentro de um contexto. Desta forma, entendemos que o contexto surge a partir da realidade do aluno, assim trazemos o PCN-Arte (2001 p.) quando afirma que:

Ensinar arte em consonância com os modos de aprendizagem do aluno significa, então, não isolar a escola da informação sobre a produção histórica e social da arte, ao mesmo tempo, garantir ao aluno a liberdade de imaginar e edificar propostas artísticas pessoais ou grupais com base em intenções próprias.

Desta maneira, compreendemos que o professora ao escolher os temas que tenham como ponto de partida o conhecimento que os alunos já possuem, ela contribui para que o aprender não seja para eles uma obrigação, mas a chance deles construírem experiências significativas durante o seu processo de aprendizagem. Sendo que os conteúdos voltados para a linguagem das artes visuais são predominante no seu trabalho pedagógico.

Vale ressaltar, que pelo fato da professora possuir mais habilidade em artes visuais, ela seleciona conteúdos que abordem essa linguagem, onde são inseridos no plano de curso da escola a fim de serem trabalhados no decorrer do ano letivo, sendo eles flexíveis. A formação continuada na qual a professora participa uma vez por mês, carga horária de oito horas diária, ela é instigada a vivenciar arte e assim apresenta-la aos seus alunos, “de tal maneira que os alunos vivenciem processos de produção e de entendimento sensíveis-cognitivos da arte que ainda devam aperfeiçoar e conhecer” (FERRAZ & FUSSARI, 1993, p. 103). Assim sendo, em suas aulas são desenvolvidas atividades que exploram materiais artísticos (pincéis, lápis de cor, giz de cera, tinta guache e outro elementos) e que trabalhem a expressão e comunicação dos alunos por meio dos desenhos, pintura, colagem, dobradura, etc., além de estudo das obras e da biografia dos artistas, bem como a cultura regional.

2.5.5 Registro e avaliação

Foi percebido durante as investigações, que a professora de arte ao final de suas aulas faz anotações em seu caderno de plano, comentários esses que se referem ao desenvolvimento dos alunos das turmas nas quais ela ministra a disciplina, bem como o avanço e a dificuldade da turma, é à avaliação de sua aula. Quando instigada sobre o porquê de realizar os registros, a professora relatou que:

[...] uma vez por mês participo de uma formação na qual preciso mostrar o portfólio com as atividades realizadas pelos alunos, apresentando os progressos e os obstáculos encontrados na realização desta, e assim tentar descobrir junto com a formadora nova metodologia para trabalhar com os alunos que ainda não conseguiram avançar, além de também contribuir e facilitar na hora de fazer avaliação dos alunos, pois como trabalho em várias

turmas, às vezes é complicado conhecer bem o desempenho de todos os alunos (PROFESSORA D, ANEXO 01, P.79-80).

Desta forma, os registros feitos pela professora de arte representam muito mais que um roteiro das aulas ou uma enumeração de atividades desenvolvidas com a turma, são escritos que servem de base para o planejamento das ações futuras. Pois o “hábito de registro ajuda o professor a acompanhar, analisar, pesquisar, avaliar, aperfeiçoar o seu trabalho docente e até discutir e partilhar com os colegas de profissão” (FERRAZ & FUSARI, 1993, p. 101). Sendo assim, em cada uma das escritas reflexivas feitas pela docente, há elementos que fazem com que ela cresça como profissional e melhore seu desempenho, já que essas anotadas são compartilhadas com sua formadora, que a orienta, fornecendo novas informações e critérios para que assim ela reavalie sua prática pedagógica, reinterpretando-a agora com novos referenciais.

Com os registros a professora tem a oportunidade de avaliar seu aluno continuamente, ou seja, de realizar avaliações contínuas a fim de rever suas aulas e criar novas estratégias, aprimorar o seu trabalho diário e adequá-lo com frequência às necessidades dos alunos, fazendo com que eles aprendam, sem correr o risco de classificá-lo.

2.5.6 Espaço, material e tempo

Diante das observações e as entrevistas realizadas na escola Albertina Sandra Morteira dos Reis, ficou comprovado que a escola ainda não possui um espaço adequado para desenvolver os trabalhos com a disciplina de arte, por esse motivo a maioria das aulas são desenvolvidas dentro da sala de aula, que não possui infraestrutura adequada, pois quando os alunos realizam atividades com tinta, é necessário que se coloque um balde com água para lavar os pinceis, o que ocasiona um verdadeiro transtorno para a professora que precisa estar limpando a sujeira que fica ao final de suas aulas, sem contar que as cadeiras também não são favoráveis, visto que não tem espaço para colocar os materiais que são usados pelos discentes. Desta forma muitos deles preferem desenvolver suas atividades no chão. A docente relata que:

Não possuo uma sala adequada para a execução das aulas de arte na escola, já até pedi para o diretor que fizesse licitação para construir mais uma sala, pois na escola há muito espaço, porém você sabe como isso

funciona é muito demorado, portanto, utilizo além da sala de aula, o galpão onde é servida a merenda escolar e outras vezes os corredores da escola para realizar suas atividades, mas é muito difícil conseguir desenvolvê-las com êxito, visto que incomoda as salas vizinhas com o barulho retirando a atenção dos outros alunos que estão em sala (PROFESSORA D, ANEXO 01, P.79-80).

Diante do relato fica evidenciada que a escola ainda não possui um espaço adequado destinado a execução das aulas de arte, destacando que por muitas vezes, por necessitar de mais espaço para a construção do seu trabalho realiza as aulas no refeitório da escola. Analisamos essa atitude da docente (quando ela sai da sala de aula) com bons olhos, porque, mesmo a escola não oferecendo um local apropriado para as aulas de arte, a professora improvisa um espaço diferenciado para que os alunos possam ter novas experiências. Nessa perspectiva Ferraz & Fusari (1993, p.67) destaca que “a função da arte na escola é a de possibilitar a atividade criadora [...]. E a criança vai fazer suas produções artísticas e descobrir a alegria da criação de arte quando o ambiente ou as pessoas souberem motivá-la.” Esse é o espírito do ensino da arte, proporcionar ao alunado ambiente onde há aprendizado, onde o conhecimento é fruto de experiência e descobertas.

Além da falta de espaço, os materiais didáticos também não alcançam todos os alunos da escola, pois apesar da escola comprar materiais para a execução das aulas de arte, com o recurso do Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE).¹⁵ Materiais esses que segundo a professora são “[...] pincel, giz de cera, tinta guache, cola colorida, e.v.a, variadas cartolinas e vários outros tipos de papeis, etc., porém ainda são insuficientes para atender a todos os alunos, pois em cada sala possui de 30 a 45 alunos” (PROFESSORA D, ANEXO 01, P.79-80). Dessa forma a docente em suas aulas sempre procura desenvolver atividades agrupando os alunos (os que possuem materiais com os que não possuem), a fim de que os trabalhos sejam realizados, porém muitas vezes acontece da não finalização dos trabalhos, pois o tempo das aulas é muito curto, comparado às demais matérias que são desenvolvidas ao longo de todo o currículo escolar (apenas de sessenta minutos por semana). Desta forma, algumas atividades são realizadas em duas semanas, ou seja, em duas aulas. Nessa abordagem Buoro (1996, p. 110) assegura que “o

¹⁵ O Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE) consiste na assistência financeira às escolas públicas da educação básica das redes estaduais, municipais e do Distrito Federal e às escolas privadas de educação especial mantidas por entidades sem fins lucrativos. O objetivo desses recursos é a melhoria da infraestrutura física e pedagógica, o reforço da autogestão escolar e a elevação dos índices de desempenho da educação básica. Os recursos do programa são transferidos de acordo com o número de alunos, de acordo com o censo escolar do ano anterior ao do repasse.

professor que [...] encontrará seus alunos apenas quatro vezes por mês. Essa quantidade mínima de encontros já é um fator determinante para a escolha e estruturação de uma proposta de trabalho”, isto é o professor precisará adequar seu trabalho com o espaço, os materiais e o tempo que ele tem disponível, para tanto se faz imprescindível que ele desenvolva metodologias de ensino que despertem no aluno a construção de significado.

Por fim, é possível perceber que a metodologia de todo o percurso tanto a observação, entrevistas, questionários e as ferramentas (gravação, documento) utilizadas para a elaboração do material desta pesquisa foram coletados com a ida a campo, buscando compreender os significados atribuídos pela coordenadora pedagógica, pela professora de arte e pelos pais sobre a sua compreensão quanto ao ensino da arte. Além dos desafios enfrentados pela professora e aluno quanto ao espaço, material e tempo para o desenvolvimento da disciplina. Desta forma no próximo capítulo faremos a análise das aulas de arte desenvolvida na escola Albertina Sandra Moreira dos Reis a luz das experiências vivenciadas durante a prática pedagógica e pesquisa bibliográfica.

CAPÍTULO III

3. A IMPORTÂNCIA DA ARTE

Diante das transformações históricas, percebemos que o homem sempre procurou compreender e modificar a sua realidade, e que por meio da arte ele busca constantemente essa transformação. Considerando o ser humano como um ser pensante que tem emoção e que materializa sua existência por meio de expressões artísticas, nas quais puderam ser ratificadas em:

[...] inscrições e desenhos encontrados nas grutas pré-históricas documentam que o ser humano, no período mais remoto de sua existência, contou com o sensível. [...] o ancestral do homem riscou na rocha formas com as quais se expressou e se comunicou, prova das percepções sensíveis e racionais que tinha de si e do mundo (CAMPOS 2002 p. 19-20).

Nessa concepção, percebe-se que o ser humano afirmou sua existência por meio das expressões, na qual serviram de comunicação e está no mundo vivendo num tempo e espaço com uma história de vida. As expressões humanas deixadas por eles marcam a sua presença, manifestando que a arte se faz presentes no mundo e, que por meio dela o sujeito tem possibilidades de aprender coisas novas, de comunicar, de desenvolver o seu lado artístico, estético e crítico, conforme a sua vivência.

A experiência que a arte traça no mundo, funda-se como fonte de conhecimento, assegurando de que todo conhecimento científico parte de experiências vividas. E o ser humano por possuir diversas características, tanto físicas como cognitivas, essa dimensão de particularidades já explicaria por si só a importância da arte na educação do sujeito. Nesse sentido, no próximo tópico abordaremos a experiência dos pais e da professora de arte da escola Albertina Sandra Moreira dos Reis como o ensino da arte.

3.1 EXPERIÊNCIAS COM O ENSINO DA ARTE

O ser humano é ser histórico e cultural que convive em um meio social onde ocorrem diversas transformações. Nessa concepção, pode se ter uma aproximação sensível e do real do sentido verdadeiro da arte na prática educativa que fora estudada nesta pesquisa. Certo de que se podem desmistificar as convicções do ensino da arte como produção a partir de modelos de desenhos estereotipados dados as crianças por professores em diferentes épocas da história da educação brasileira, que não é diferente também em Marabá. Revela-se, sobremaneira, - na educação dos pais e da professora de arte da escola Albertina Sandra Moreira dos Reis -, as mesmas situações vividas com desenhos estereotipados. Pais e professora relataram ter vivenciado no seu tempo escolar, modelos como esses que se ofereciam em sala de aula, nos quais eles coloriam nas aulas de Educação Artística, disciplina esta referida ao ensino de arte nos anos de 1971 até 1995.

Quando eu estudava, não tinha aulas de arte eram de Educação Artística, lembro-me que era aula de pintura. A professora trazia os desenhos e eu pintava, outras vezes era eu mesma que desenhava, mas era ela quem escolhia os desenhos que eram trabalhados na sala (Pai. L., ANEXO 04 P. 83).

A experiência com arte vivida por esse sujeito trouxe à tona, alguns dados pertinentes à pesquisa à compreensão do saber arte na escola, visto que alguns pais têm como referência a vivência com os modelos prontos dados por seus professores em sua época de estudante, sendo o mesmo sentimento que ainda possuem com relação ao ensino da arte voltado somente para o desenho e a pintura. Trata-se então de perceber que a concepção posta nas experiências deles vincula-se a pedagogia tradicional, “onde o desenho era considerado a base de todas as artes”, onde predominavam transmissões de padrões e modelos culturais, que apenas valorizava as habilidades manuais, os dons artísticos e modelos convencionais trazidos pelos livros didáticos (FERRAZ E FUSARI, 1993 P.30). E não é diferente do que existe hoje, ainda é predominante no entendimento quando se refere ao ensino da arte, atribui-se uma aquisição de conhecimentos mecanizada, já que se baseia em modelos de pensamentos alheios, ou seja, o aluno não cria apenas reproduz o que o professor lhe propõe.

No entanto, aquilo que caracterizava nas salas de aulas com a Educação Artística, anos atrás, já não serve como paradigma para os alunos da escola

Albertina Sandra Moreira dos Reis, uma vez que os alunos do século XXI, em Marabá, são incitados e desafiados pela professora de arte desta escola, posto que ela propõe outra prática, outros conteúdos e outras formas de abordagem. Esses desafios fazem com que a professora que vivenciou a arte no seu tempo escolar, com aulas de desenho e pintura, mas agora com outro formato pra se repensar e se promover novos significados na prática, experimentar um novo paradigma.

Esses acontecimentos direcionam os entendimentos, produzindo novos significados para o ensino da arte na escola Albertina Sandra Moreira dos Reis. Contrapondo-se os momentos em que havia a imagem mimeografada para colorir, passou-se para um avanço em termos de qualidade a valorização do fazer criador. Ressalta-se que representação da arte em educação nesta escola não mais se ajusta a algumas práticas reducionistas, como datas comemorativas, desenhos livres comutativos a prática do *laissez-faire*, cujas abordagens descaracterizam a produção artística, por meio dos modelos prontos e acabados.

Em minhas aulas procuro fazer levantamentos prévios do que, procurando de descobrir o que os alunos já sabem a respeito do conteúdo que vou trabalhar na sala e nesses conteúdos sempre enfatizo estudos de obras, de autores, da cultura regional e local. Também desenvolvo atividades voltadas para o desenho e a pintura, mas não utilizo modelos prontos, pois gosto que aluno utilize a sua imaginação durante suas produções (PROFESSORA D, ANEXO 01, P.79-80).

O depoimento da professora evidencia uma relação de respeito e crescimento para o processo de construção do conhecimento, visto que ela leva em consideração o que o aluno já sabe, isto é, sua bagagem cultural e intelectual, fazendo com que ele seja sujeito interativo e ativo encontrando significado na sua aprendizagem e se sentindo estimulado aprender mais. Nesse enfoque Lanier (1997, p. 46) diz que “[...] a experiência estética visual, já é desfrutada pelo indivíduo antes que ele entre para a escola. Portanto, não a introduzimos para nossos alunos, mas incrementamos a partir de algo que já está lá”. Desta forma para que se consiga resultados satisfatórios mediante ao ensino da arte, deve-se também valorizar o que o aluno já traz consigo relacionando com o seu cotidiano, tornando esse conhecimento o ponto de partida para as novas aprendizagens.

Mediante a discussão acima, é fundamental dizer que, a partir daqui, que o aluno nas aulas de artes vai, além do fazer artístico, como expressão da prática de atelier, ele cria e aprecia a arte, vivencia-a, visto “que a criança está em constante assimilação de tudo aquilo que entra em contato no seu meio ambiente [...]. O que é

observado e percebido [...], está modificando e enriquecendo as experiências e vivências infantis” (FERRAZ & FUSARI, 1993 p.49). Nesse sentido para que a criança construa o seu próprio repertório artístico, ela precisa vivenciar o máximo de possibilidades com a arte, pois a cada etapa escolar o aluno desenvolve novas habilidades, que vão se compondo as anteriores, compreendendo cada elemento aprendido como parte de um padrão de referência maior.

Enfim, os depoimentos realizados durante as entrevistas, o questionário e as conversas nos intervalos das aulas, revelam-se importantes, pois fornecem subsídio para esta analítica, se dando grande viabilidade e consistência às práticas educativas desenvolvida com a disciplina arte. Tais concepções práticas possibilitam ao aluno se apropriar de momentos de criação, de apreciação e de reflexão a partir da ideia central arte, como produção característica de um grupo que sabe fazer e conhece a arte inserida no seu tempo, sabe julgá-la e sabe vê-la em seus traços e pelos artistas. Assim no próximo tópico abordaremos a presença da arte na escola Albertina Sandra Moreira dos Reis.

3.2 A PRESENÇA DA ARTE NA ESCOLA ALBERTINA SANDRA MOREIRA DOS REIS

É visível a importância que a professora dá as suas aulas de arte, verifica-se sob dois pontos de vista: a seriedade com que elabora o de seu planejamento e, a preocupação que tem com os conteúdos das aulas vinculados à realidade vivenciada pelos alunos, fazendo assim com que todos os alunos sejam alcançados na disciplina. Como ela mesma afirma:

A arte é a verdadeira expressão do sentimento humano, por isso, procuro fazer o alunado se expressar diariamente ou a cada atividade proposta o que está dentro de si, ou seja, a alegria, a mágoa, etc., e a partir daí trabalhar artistas que vivenciaram essas mesmas experiências (PROFESSORA D, ANEXO 01, P.79-80).

Mediante a isso, observa-se uma preocupação com as aulas de arte na escola Albertina Sandra Moreira dos Reis, a professora valoriza o saber expressar, ela também procura fazer uma conexão entre os artistas e a realidade do aluno, promovendo a sensibilidade e o sentimento estético, tornando as aulas prazerosas e significativas, já que possibilita aos alunos conhecerem a si mesmo, se fazendo

protagonista de sua própria história no contexto cultural a que está inserido. Nessa abordagem Buoro (1996, p. 41) diz que:

[...] o professor precisa ser o estimulador da percepção visual, da expressão, da imaginação criadora e dos processos de cognição do aluno, dentro de um projeto pedagógico, ajudando a criança a construir um conhecimento da linguagem da Arte, assim como possibilitando ao aluno a ampliação do conhecimento de si e do mundo.

Deste modo, podemos refletir que o professor é a peça fundamental para fazer acontecer as mudanças necessárias para com seus alunos, contribuindo nos trabalhos a serem realizado por eles, orientando-os segundo a capacidade criativa de cada um, provocando com isso o fortalecimento de novas perspectivas para construção da aprendizagem do aluno, uma vez, que o fazer artístico faz parte desse processo, o estudante se torna mais exigente, e até mesmo um ser crítico ao desenvolver seus próprios trabalhos.

Sendo assim, a professora da escola cria situação de aprendizagem onde os alunos vivenciem em relação ao número variado de materiais para a produção artística, pois “se pretendemos que os estudantes encontrem suas expressões próprias, devemos ficar atentos para que o convívio com os materiais se faça de forma diversificada” (FERRAZ & FUSARI 1993, p.113). Assim a docente procura utilizar-se de alguns recursos didáticos para dinamizar suas aulas e de diversos materiais nos quais ela faz combinações.

Em minhas aulas de arte utilizo massa corrida, tinta, telha, cd, jornais, revistas e vários outros elementos nos quais podemos fazer arte e nas quais aos alunos tem acesso no dia a dia. Quanto aos recursos multifuncionais é meio complicado utilizar, pois só tenho 60 minutos de aula semanal em cada turma e geralmente esses recursos são muito extensos. Mas sempre que posso me utilizo dele, porque eles contribuem muito no desenvolvimento das aulas, principalmente quando vou apresentar as obras dos artistas aos alunos, pois na verdade é muito mais produtivo mostrar do que somente falar aos alunos. (PROFESSORA D, ANEXO 01, P.79-80).

No contexto, a professora de arte da escola Albertina Sandra Moreira dos Reis, considera importante o uso de recursos, mas diz que isso não é uma prática costumeira pelo fato do tempo disponível da aula de sessenta minutos por turma. Isso implica dizer que ela tem que selecionar, por exemplo, DVDs que trate sobre arte de curta duração para que possa exibir em aula, fazer frequência e comentar com os alunos. E que só usa esse dispositivo quando precisa falar das obras dos artistas, pois para ela é muito mais produtivo mostrar que falar sobre as obras e os

artistas. Então, observa-se que há uma empatia por parte da professora em utilizar recursos para dinamizar as aulas e torná-las mais interessantes. Apesar de o número de aulas (sessenta minutos semanais) em cada turma ainda sejam insatisfatórios. A professora participa do programa de capacitação da Secretária Municipal de Educação de Marabá (SEMED), buscando ampliar sua possibilidade e diversificar a abordagem da disciplina em sala de aula. Nessa perspectiva Campos (2002, p.95-97) diz que:

[...] não há mais espaço para conhecimentos prontos e acabados, mas somente possibilidade de construção de caminhos que serão adequados às constantes e rápidas mudanças que o contexto maior tem imposto à sociedade [...]. A sociedade precisa de professores que aprendam, compreendam e mediem conhecimento.

Assim, se tratando da carreira de professor o conhecimento deve ser encarado como algo inacabado, já que para exercer essa profissão com competência e qualidade ele precisa de capacitação adequada. Sendo a formação uma exigência do mundo atual e do Ministério da Educação e Cultura (MEC), no qual visa garantir uma aprendizagem essencial condizente com os fins da educação escolar e com verdadeiro direito à educação e a escola de qualidade. A SEMED, visando aprimorar o conhecimento do profissional da educação, além de atender a exigência do MEC, proporciona uma formação específica de acordo com a área de atuação (língua portuguesa, arte, educação física, matemática, etc.). Nesta valoriza-se a experiência do docente, seus saberes e prática e, também o possibilita no decorrer do processo atribuição e novos significados a sua prática para compreender e enfrentar os desafios do dia-a-dia. Desta forma a professora da escola Albertina Sandra Moreira dos Reis diz que a formação continuada contribui junto à sua prática pedagógica, pois:

é um planejamento mensal onde nos encontramos em uma determinada escola da rede, com um grupo de professores que atua com a disciplina de artes, na qual estudamos sobre arte e discutimos assuntos referentes à mesma. A formação é um planejamento com orientações, troca de experiências e experimentações das atividades a serem aplicadas no decorrer do mês vindouro. Por isso só tem a contribuir, pois é incomparável a qualquer outro estudo da rede. Portanto só existe soma. (PROFESSORA D, ANEXO 01, P.79-80).

Evidencia-se o quanto é importante que a professora de arte tenha uma formação e/ou que participe de uma construção acompanhada, a fim de ter subsídios que lhe auxilie no desenvolvimento da disciplina, já que por meio das

formações ela tem a oportunidade de aprender, trocar experiências com seus pares e ampliar o seu conhecimento e perceber suas possibilidades. Nessa perspectiva, a docente apoia-se na formação continuada para selecionar os conteúdos que serão desenvolvidos na disciplina, procurando contribuir para a construção do conhecimento de seus alunos.

Desta forma, os conteúdos que serão trabalhados na disciplina de arte da escola Albertina Sandra Moreira dos Reis têm segmentos a partir da Proposta Curricular do Município, pois sendo essa instituição escolar hierarquicamente subordinada SEMED, ela segue uma proposta que esta embasa na proposta curricular maior que é o PCN de arte. Logo a professora seleciona os conteúdos bimestrais e procura contextualizá-los de com as programações e a realidade escolar. Esses conteúdos são colocados no plano de curso da disciplina, no qual é realizada a seleção mensal para os planejamentos diários, na perspectiva de atingir alguns indicadores previstos no Parâmetro Curricular Nacional de Arte – PCN de arte, que se referem aos objetivos propostos para o Ensino Fundamental.

Expressar e saber comunicar-se em artes mantendo uma atitude de busca pessoal e/ou coletiva, articulando a percepção, a emoção, a sensibilidade e a reflexão ao realizar e fruir produções artísticas. [...]. Buscar e saber organizar informações sobre a arte em contato com artistas, documentos, acervos nos espaços da escola [...] (PCN- ARTE, 2001 p. 54).

Deste modo, a professora de arte da escola Albertina Sandra Moreira dos Reis visando atingir os objetivos proposto pelo PCN de arte, seleciona conteúdos relevantes, que façam com que o aluno coloque em prática e supere as dificuldades do dia a dia, já que a arte enquanto disciplina escolar, precisa partir do princípio de que a criatividade, a imaginação, a emoção e o sentimento são frutos de valores culturais que compõe o fazer, o sentir, o perceber e estimula a produção do conhecimento artístico. Visando atender essas perspectivas os conteúdos selecionados para este bimestre e que estão no plano de curso da disciplina são: Explorar e analisar materiais artísticos (pincel, lápis de cor, giz de cera, tinta, etc.); trabalhar a comunicação à expressão dos alunos por meio de desenhos, pintura, colagem, dobradura, etc.; trabalhar textura, mistura de cores; montagem artística com materiais variados; conhecer algumas obras e biografia de autores.

Sendo assim, a docente preocupada com o desenvolvimento do ensino da arte recorre, além dos recursos utilizados nos seu curso de formação (onde ela usa o planejamento desenvolvido e as criações produzidas por ela), a internet, a

criatividade e leitura de livros e revistas, a fim de manter-se atualizada e dessa forma exercer um importante papel, pois é ela que vai mediar as ações dos alunos com os conhecimentos que eles já possuem e oportunizar momentos de descoberta de novos conceitos, novos materiais, novas texturas, novas cores, enfim, um universo no intenso mundo das Artes. Assim Ferraz & Fusari (1993, p.105) afirma que:

[...] o professor precisa oferecer aos seus alunos espaços e tempo escolares organizados para trabalharem expressivamente e aperfeiçoarem conhecimentos sobre instrumentos, técnicas, materiais e trabalhos artísticos; [...] encorajando e auxiliando-os a interessar-se pela arte, por artistas e suas histórias enfim, preparando-as para se situarem conscientemente no mundo estético natural e cultural em que vivem.

Assim sendo, a importância que o professor dá nas aulas produtivas através das Artes é fundamental para a interpretação da criança. Portanto, vale ressaltar que a professora não desconsidera a possibilidade de descobrir talentos e despertar nos alunos suas habilidades, incentivando-os a produzirem e desenvolverem as mais diversas formas de expressão artística, porém de acordo com ela o que se torna relevante atualmente em suas aulas de arte, é muito mais do que a produção e a exposição de trabalhos dos alunos em si, mas antes, fazer com que eles compreendam como os processos de criação acontecem, pois de nada adianta o aluno ter a habilidade de desenhar, se ele não é capaz de entender o processo de produção.

Por estas razões a professora de arte da escola Albertina Sandra Moreira dos Reis ao selecionar os conteúdos que serão desenvolvidos na disciplina de arte, mostra-se muito comprometida na escolha dos mesmos para os anos/ciclos, pois apesar de serem os mesmos para todos os anos, ela faz uma adaptação de acordo com as habilidade e competências a serem alcançados em cada turma.

Primeiramente os conteúdos são os mesmos para todos os anos ciclos, porém muda-se o grau de dificuldade, ou seja, as atividades variam de acordo com o ano ciclo. Para ter um melhor acompanhamento utilizo o meu caderno de planejamento no qual faço registros dos conteúdos e atividades, além de acompanhar os alunos em suas atividades, na qual são registradas em seu caderno, pois cada aluno possui um caderno só para as atividades de artes. (PROFESSORA D, ANEXO 01, P.79-80).

A professora demonstra responsabilidade e preocupação com o desenrolar das aulas, uma vez que procura adequar os conteúdos. Para o controle pessoal, ela usa um caderno de planejamento, que funciona como um caderno de registro, sendo um para cada turma, a fim de poder melhor acompanhar o desdobramento

de suas aulas. Também é fato, ela precisa desses registros para apresentar na formação continuada, na qual ela participa uma vez por mês com carga horária de oito horas semanais, aonde são desenvolvidos planejamentos baseado na realidade do aluno.

Assim, a professora em sua sala de aula assume, não apenas o papel de estimuladora, mas também o de articuladora das situações de ensino e aprendizagem, organizando experiências construídas durante sua formação e com as percepções trazidas pelas crianças do seu cotidiano ampliando o repertório cultural da Arte. Deste modo, no próximo tópico abordaremos as aulas de arte vivenciada pelos alunos da escola Albertina Sandra Moreira dos Reis diante dessa perspectiva.

3.3 AS AULAS DE ARTE VIVENCIADAS PELOS ALUNOS DA ESCOLA ALBERTINA SANDRA MOREIRA DOS REIS

A aula de arte da escola Albertina Sandra Moreira dos Reis é iniciada com uma conversa informal, a chamada que consiste em uma lista com o nome dos alunos, onde a professora tem o controle da frequência deles, sendo esta feita no início da aula. Em seguida é feito um levantamento, a fim de constatar quais conhecimentos os alunos já possui a acerca da temática que será abordada na aula. A partir dessa rotina, a professora então dá início a sua aula, explicando o conteúdo com clareza e paciência. Vale ressaltar que a professora ao expor um conteúdo sempre se utiliza de recursos visuais, por exemplo, ao falar de um artista ela sempre procura trazer imagens de obras produzidas por ele bem como a própria imagem do artista, para assim enriquecer suas aulas.

Partindo do princípio de que cada aluno já possui um saber, concordamos com Buoro (1996, p. 51) ao assegurar que ao professor “importa-lhe construir um olhar significativo, considerado que seu interlocutor, como qualquer outra pessoa, tem um saber próprio, que deve ser sempre levado em conta”. Sendo assim, foi evidenciado que a professora ao expor em sala de aula qualquer objeto, imagem, ação ou assunto, ela explora a interpretação pessoal de cada aluno, facilitando cada vez mais o entendimento dos alunos aos assuntos abordados. Ponderando assim,

uma relação de carinho, respeito e admiração entre professor e aluno no processo de ensino e aprendizagem.

Sendo assim, foi possível perceber que a professora de arte prioriza o diálogo na relação professor/aluno, procurando valorizar as potencialidades de seu alunado nas suas produções. Nesse aspecto Ferraz & Fusari (1993, p. 21) ressalta a importância do “professor atuar como mediador de conhecimentos em arte [...], tomando as vivências dos estudantes como pontos de partida para novos saberes a serem aprendidos”. Desta forma foi possível perceber que quando o processo educacional se torna prazeroso, é possível que a aprendizagem seja imediata, pois a metodologia utilizada pela professora de arte possibilitava aos alunos uma maior compreensão dos conteúdos propostos, foi percebível que havia interesse dos alunos nas aulas.

Deste modo, segundo as repostas das entrevistas realizadas com os alunos nas turmas do 1º ao 5º ano na escola Albertina Sandra Moreira dos Reis, foi possível constatar que os alunos gostam das aulas de arte pelo fato da professora utilizar o diálogo e uma metodologia que não se resume apenas no quadro negro e o giz, mais sim a parte prática onde os alunos têm a oportunidade de criar e explorar diversos materiais, sendo assim os alunos afirmam gostar das aulas de arte por que:

A professora é muito criativa, ela sabe desenhar e nas aulas de arte a gente sempre pinta, desenha, recorta, fez arte na telha, faz quadro fotográfico, arte no DVD, cria várias coisas. Usa muitos materiais como o lápis de cor, tinta giz de cera, cola colorida, massa, brilho, pano, etc. Também a gente conhece uns artistas e a vida dele. Nossa aula de arte é bem diferente das outras aulas. (ALUNOS. ANEXO 03 P. 82).

Evidencia-se por meio deste relato que há uma diversidade de tarefas sendo cultivados, o uso de materiais diversos e a valorização da criatividade. O aluno caracteriza as aulas de arte bem diferente das outras da escola por se tratar de aulas, nas quais a professora faz com que os alunos se sintam motivados a participar ativamente. Daí os alunos não sentirem as aulas, monótonas, chatas, mas interessantes, já que têm a oportunidade de criar e apreciar arte, produzir obras, tanto deles como ver as produzidas pelos artistas vivenciados por eles.

Apesar de gostarem das aulas de artes os alunos apontam que existem dificuldades na realização de algumas atividades, porque os espaços não são adequados, a carga horária da disciplina é pequena e os materiais também quase sempre não são suficientes para todos. A professora procurar utilizar materiais de

fácil acesso, mesmo assim existem alunos que não tem acessibilidade a eles, fato que gera muitas vezes o atraso na concretização da atividade proposta.

Mesmo com todas as dificuldades a professora de arte tem soluções criativas, recebe a colaboração por parte de alguns funcionários, que de certa forma sempre que possível contribuem com alguns materiais. Visto que ela sempre procura trabalhar com materiais de fácil acesso sendo na sua maioria materiais reciclados, a fim de fazer com que todos os alunos participem das atividades.

Entretanto, os alunos expõem que gostariam que “na escola tivesse uma sala de arte bem grande com tinta, pincel, quadro, giz de cera, lápis de cor e material suficiente para todos os alunos que ainda não compraram o seu” (ALUNOS. ANEXO 03 P. 82). Nesse sentido, podemos compreender que a arte esta presente no currículo das escolas, porém ainda faltam ajustamentos quanto à estrutura física do espaço que ainda não dispõe de uma sala adequada para as aulas de arte, apoio pedagógico para a realização das aulas de artes, visto que os materiais disponíveis na instituição não alcançam a todos os alunos e também o fato da carga horária da disciplina ainda ser muito inferior às demais disciplinas do currículo escolar.

O ensino de artes no currículo da escola formal coloca o professor diante de alguns determinantes no que se refere à escolha de seu objeto de trabalho. A realidade física da sala e o tempo de duração da aula [...], reduzem as diversas abordagens de escolha de atividades, que poderiam ser realizadas, para trabalhar os conteúdos. [...] Além disso, o ensino da arte a ser proposto no contexto da escola formal deve considerar, entre outras coisas, fatores ligados aos fatores ligados aos conteúdos selecionados, às questões de ensino/aprendizagem, aos interesses de alunos e educadores, ao uso de materiais compatíveis com o espaço físico, e ao número de aulas de que o educador dispõe para a abordagem de cada conteúdo escolhido (BUORO, 1996, p. 110).

Diante do exposto é evidente que o contexto da escola muitas vezes influencia nos trabalhos desenvolvidos, no caso da escola Albertina Sandra Moreira dos Reis, tornou-se claro durante a pesquisa que a escola prioriza as artes visuais, no desenvolvimento da disciplina, já que além dos problemas mencionados, a professora participa de formação continuada oferecida pela SEMED, na qual prioriza essa linguagem sendo assim, “obviamente, a formação do professor de Arte influenciará nessa caracterização e nas escolhas dos rumos educativos nas aulas” e também pelo fato da escola estar localizada em um bairro de periferia onde a maioria das famílias dos alunos que frequentam esta escola possui as mínimas condições possíveis de sobrevivência (FERRAZ & FUSARI, 1993, p. 109). Logo,

algumas atividades são mais viáveis dependendo da estrutura e do material que ele tem disponíveis. Assim alguns trabalhos nos quais contempla as outras linguagens artísticas (música, dança e teatro), esses são mais frequentes nos momentos das comemorações internas - foi evidenciado o carnaval, dia do índio e dia das mães como datas comemorativas no âmbito escolar -.

Deste modo, a professora de arte da escola Albertina Sandra Moreira dos Reis desenvolve trabalhos voltados mais para as artes visuais, onde os alunos criam e apreciam, visto que ao final de cada temática trabalhada ela proporciona um momento em que os alunos expõem suas produções nos murais que ficam expostos nas salas e a partir disso, eles descrevem sobre o caminho percorrido para a criação de sua obra, bem como a escolha pelos materiais utilizados para a realização desta, visto que “na interpretação as crianças colocam seus pontos de vista sobre o que sentem ao observarem aquela obra, assim como os ampliam ao relacioná-la com o repertório do grupo” (BUORO, 1996 p.64). Dentro desse processo o aluno pode exercitar suas potencialidades perceptivas, imaginativas e criativas, transformando assim as atividades em pesquisa e reflexão sobre as soluções apresentadas por ele, é claro que isso acontece com mais frequência nas turmas do 3º, 4º e 5º ano.

Deste modo, a professora relata que essa estratégia permite “avaliar o aluno continuamente, pois a avaliação utilizada nas aulas de arte é a diagnóstica, onde se verifica o que o aluno aprendeu [...] e o que é preciso ser ensinado novamente” (PROFESSORA D, ANEXO 01, P.79-80). Assim sendo, Luckesi (2008, p. 81) confirma a fala da professora ao assegurar que:

[...] a função da avaliação será possibilitar ao educador condições de compreensão do estágio em que o aluno se encontra, tendo em vista poder trabalhar com ela para que saia do estado defasado em que se encontra e possa avançar em termos dos conhecimentos necessários. Deste modo, avaliação [...] será um instrumento de diagnóstico de sua situação, tendo em vista a definição de encaminhamentos adequados para sua aprendizagem.

A partir dessas observações, podemos dizer que a prática da avaliação da aprendizagem, em seu sentido pleno, só será possível na medida em que o professor estiver efetivamente interessado na aprendizagem do aluno, utilizando as informações coletadas nela como instrumento para o seu aperfeiçoamento, a fim de possibilitar o desenvolvimento do aluno de forma coerente com a capacidade de cada um, respeitando as dificuldades e diferenças.

Sendo assim, foi percebido que na escola Albertina Sandra Moreira dos Reis, a professora de arte adota em sua disciplina a avaliação diagnóstica e, utiliza-se dela como ponto de partida para uma reflexão contínua sobre sua prática, sobre a criação de novos instrumentos de trabalho e a tomada de metodologias que devem ser revistas, ajustadas ou mudadas se necessário, a fim de fazer o aluno avançar no seu processo de aprendizagem.

Portanto, o ensino da disciplina de arte na escola Albertina Sandra Moreira dos Reis atualmente prima por relacionar o fazer artístico, a leitura da imagem e o percurso traçado para a sua concretude, fazendo desta forma com que o aluno conheça a história de uma obra, entenda mesmo que de forma ainda tímida seu processo de produção e saiba analisá-la, bem como emitir opiniões acerca das mesmas.

Desta forma percebe-se que a professora vê a necessidade de desenvolver no aluno uma maturidade suficiente para que, caso ele chegue a produzir alguma forma de expressão artística, seja ela qual for, ele seja capaz de entender seus procedimentos, conhecer seus preceitos e tenha a segurança de expor para os outros um pouco do percurso utilizado para a sua realização, analisando e refletindo quanto a sua importância para a cultura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A arte possibilita ao ser humano se socializar, se integrar, se adaptar, compreender a si mesmo e aos outros por meio da vivência e pela relação que todos têm com os objetos de arte. Além do mais, conhecer a história de outros povos em contato com as linguagens artísticas e assim perceber a contextualização do fazer artístico ao longo da história humana. Na verdade a crença de que a formação humana perpassa pela educação é o motivo para se pensar sobre a contribuição da arte no processo educativo dos alunos.

A aproximação e o contato diário com as aulas de arte desenvolvidas na escola Albertina Sandra Moreira dos Reis, retirou-nos a impressão de uma educação que apenas propunha um ensino da arte como momento de lazer, de auxílio das disciplinas tidas como as mais importantes no currículo escolar, onde não se trabalha com conteúdos significativos, apenas se utiliza conteúdos como colorir cópias de desenho feito pelo professor e se decora músicas e danças para determinadas datas comemorativas, que pouco valoriza a criatividade dos alunos. Pois nos deparamos com um ensino onde se predomina o experimentar, o criar e o apreciar.

Isso nos instigou e acrescentou ainda mais a nossa curiosidade e a vontade de investigar as aulas de vivenciada pelos alunos do 1º ao 5º ano desta instituição escolar. A fim de entender como se desenvolvia a prática pedagógica da professora de arte escola, já que ela pouco se utilizava desses conteúdos tradicionais, nos quais a maioria dos pesquisados haviam vivenciado na sua vida escolar enquanto aluno.

Diante das investigações descobrimos que a escola Albertina Sandra Moreira dos Reis ao elabora seu plano de curso, baseado na proposta curricular da SEMED, leva em consideração a sua realidade, os materiais e o espaço disponível, além da carga horária da disciplina de arte, no sentido de definir o melhor modo de encaminhar o trabalho desenvolvido nas aulas de arte na escola. Contudo, percebemos que ainda existem falhas, pois apesar da proposta curricular estar de

acordo com o PCN de arte, no qual propõe que o aluno ao final do 5º ano do ensino fundamental deve progressivamente adquirir competência de sensibilidade e de cognição em todas as linguagens artísticas – artes visuais, música, dança e teatro – a escola enfatiza apenas as artes visuais no seu plano de curso, deixando as outras para serem desenvolvidas nas comemorações internas da escola. Isso acontece devido à professora não possuir domínio das outras linguagens e o seu curso de formação apenas dar subsídios para trabalhar com essa linguagem, pois no seu curso ela vivencia atividades e conteúdos voltados somente para essa linguagem.

Entretanto, o ensino de arte, focado nas artes visuais, provoca significados e valores no processo de formação dos alunos da escola Albertina Sandra Moreira dos Reis, visivelmente notado pela importância atribuída ao ensino da arte, na qual se objetiva despertar no aluno o estímulo, a criatividade, a estética e a percepção, contribuindo na formação do aluno, enquanto ser que age, pensa, que é capaz de criar, produzir e estabelecer relações.

O objetivo proposto no estudo foi alcançado por alguns resultados obtidos, no qual revelaram à contribuição das aulas de arte na construção do conhecimento dos alunos da escola Albertina Sandra Moreira dos Reis, o qual foi possível perceber que as aulas são direcionadas a produção, ao experimento, ao fazer e ao processo de criação, e que esse trio de relações proporciona uma educação para o desenvolvimento de cidadãos críticos e conscientes de seu papel na sociedade.

Observamos que os alunos têm autoestima, sentimento de prazer, alegria no processo de produção e criação. E que apesar das dificuldades enfrentadas por eles na questão do espaço que não é apropriado e dos materiais que não atendem a todos, predomina a união, a colaboração e o companheirismo como um processo de socialização e de estabelecimento de amizade. A professora de arte por sua vez incentiva essas relações proporcionando momentos de compartilhar as atividades lúdicas e criativas baseadas na experimentação, estimulando a aprendizagem dos alunos.

Outra questão, diz respeito ao profissional envolvido com arte, ficou clara a sua compreensão do quanto é importante realizar um ensino da arte voltado para o experimentar, o descobrir e o desenvolver habilidades, além de estimular a autoconfiança e a autonomia dos alunos da escola Albertina Sandra Moreira dos Reis. Nesse sentido, a dedicação e a criatividade da professora de arte contribuem para o empenho do alunado na conquista de novos conhecimentos.

Deste modo, foi evidenciada que a professora de arte da escola Albertina Sandra Moreira dos Reis tem como grande auxílio para o desenvolvimento de suas aulas, a sua formação continuada, que é oferecida pela SEMED, na qual ela troca experiência com seus pares, planeja e organiza suas aulas. Nesse sentido ratificamos a importância de uma formação consistente e sólida que venha a contribuir de forma significativa junto à prática do professor. É claro que o processo de ensino e aprendizagem varia muito de aluno para aluno, contudo quando o docente tem uma formação adequada, ele expõe um olhar sensível sobre os limites e as capacidades de seus discentes e realiza intervenções, a fim de colaborar para o desenvolvimento do alunado, integrando o conhecimento que ele já possui com as informações que ele construirá no espaço escolar.

Perante o observado conclui-se que na escola Albertina Sandra Moreira dos Reis as aulas de arte se caracteriza como fundamental no processo educativo, pois foi comprovado que a disciplina de arte é desenvolvida nas turmas de 1º ao 5º ano, mostrando que o aluno ao iniciar o ciclo básico já vivencia o mundo da arte, contudo é na escola que ele vai aprender os códigos da arte e ampliar o seu conhecimento vivenciando diferentes atividades artísticas como, desenho, pintura, reconto de história, teatro, música, etc., para assim despertar o maior interesse e curiosidade pela arte.

Esta pesquisa ainda apontou para alguns aspectos que precisam ser refletido ao se pensar no ensino da arte, como a adaptação dos espaços físicos onde as aulas são desenvolvidas, a carga horária da disciplina e a falta de materiais didáticos. Pois escola ao dispor de uma sala apropriada, por menor que fosse, abriria um espaço de possibilidades de reinventar a arte, já que seria um espaço aberto à invenção, um local para expor trabalhos, para dispor de materiais, uma pia acessível para ser usada, contribuindo assim com o ensino da arte, uma vez que as aulas de arte seriam mais proveitosas e não haveria limitações de algumas atividades.

Além dos citados, existe também a ausência do curso de arte nas universidades do município ou como uma disciplina com carga horária expressiva no curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, considerando o pressuposto do quanto à arte contribui no processo de formação do ser humano e conseqüentemente formar educadores que possam colaborar com um ensino que promova a essência artística e criativa, além de também atender à demanda na sociedade local.

Por fim, mediante essa experiência vivida, faz-se uma pausa, indispensável para novos estudos e novas percepções, por consecutivo, ficam impregnadas de sentido em nossa vivência, em nosso imaginário, às aulas de arte desenvolvida na escola Albertina Sandra Moreira dos Reis que priorizam e valorizam o imaginar, o criar e o apreciar dos alunos, proporcionando momento de desenvolvimento cultural através de exposições internas, onde o aluno participa de experiências para a construção de seu saber de forma prazerosa, no qual vão compartilhando criticamente do processo educativo, ampliando seu conhecimento que estará sempre aberto a novas informações.

REFERÊNCIAS

ADAMS, Telmo. **A pesquisa participativa como mediação pedagógica da educação popular.** Disponível em <http://www.anped.org.br> acessado dia 07 de fevereiro de 2013.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional.** – Brasília: Liber Livro Editora, 2005. 68 p.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da prática escolar.** – Campinas, SP : Papius, 1995.

Anais do 2º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária. Belo Horizonte – 12 a 15 de setembro de 2004. **A Pesquisa Participante e seus Desdobramentos - Experiências em Organizações Populares.** Disponível em [http:// www.ufmg.br](http://www.ufmg.br) acessado em 04 de fevereiro de 2013.

ARAÚJO, Everson Melquiades. ARAÚJO, Clarisse Martins de. **A formação de professores para o ensino da arte no Brasil: Qual o estado de conhecimento?** Disponível em <http://www.anped.org.br> acessado dia 10 de abril de 2013.

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. **Arte-educação no Brasil: realidade de hoje e expectativas futuras.** Traduzido por Sofia Fan. Disponível em <http://www.scielo.org> acessado em 10 de abril de 2013.

BARROS, Talma Bastos de. **Conceito-em-pesquisa-científica.** Disponível em <http://www.webartigos.com> acessado dia 07 de fevereiro de 2013.

BUORO, Anamélia Bueno. **O olhar em construção: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola.** São Paulo: Cortez: 1996.

BRASIL. LDBEN Nº 9.394/1996 – **LEI de DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL.** MEC.

CAMPOS, Neide Pelaez. **A construção do olhar estético-crítico do educador.** Florianópolis: Ed. da UFSA, 2002. 177 p.

COSTA, Cynthia. BERNARDINO, Juliana. QUEEN, Mariana. **Música: entenda porque a disciplina se tornou obrigatória na escola.** Disponível em <http://www.educarparacrescer.abril.com.br> acessado dia 17 de abril de 2013.

DEMO, Pedro. **Metodologia científica em ciências sociais.** – 3. ed. rev. e ampl. – São Paulo: Atlas, 1995.

DIAS, Roseanne Evangelista. LOPES, Alice Cassimiro. **Competência na formação de professores no Brasil: o que (não) há de novo.** Disponível em <http://www.scielo.org> acessado em 15 de abril de 2013.

Ensino da arte em foco: Ed. da UFSC, 1994. 118 p. – (Série Caderno de arte-educação).

FAZENDA, Ivani (org.). **Metodologia da pesquisa educacional.** – 8 ed. – São Paulo, Cortez, 2002.

FERRARI, Márcio. **Provas e exames.** Entrevista com Cipriano Carlos Luckesi. Disponível em <http://revistaescola.abril.com.br/planejamento-e-avaliacao> acessado em 28 de abril de 2013.

FERRAZ, M. H. C. T. & FUSARI, M. F. R. **Metodologia do ensino da arte.** – São Paulo: Cortez, 1993.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários á prática educativa.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido,** 17^a. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

LANIER, Vicent. Devolvendo arte à arte-educação. In: BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos (org.). **Arte-educação: Leitura no subsolo.** São Paulo: Cortez, 1997.

- Lei Federal nº. 11769/2008 – Dispõe sobre a obrigatoriedade do ensino de Música na Educação Básica.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições.** São Paulo: Cortez, 2008.

LUDKE, Menga. ANDRÉ, Marli E. D. Afonso. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** - São Paulo: EPU, 1986.

MARTINS, Mirian Celeste. PICOSQUE, Gisa. GUERRA, M. Terezinha Telles. **Teoria e prática do ensino da arte : a língua do mundo :** volume único ; livro do professor – 1. Ed. – São Paulo : FTD, 2009.

MINAYO, Cecília de Souza. **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade.** – Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. LEITE, Maria Isabel: **Arte, infância e formação de professores;** Campinas, SP : Papyrus, 2004. – (Coleção Ágere).

PÁDUA, Elisabete Matallo Marchesini de. **Metodologia da pesquisa: Abordagem teórico-prática.** – 6^a ed. ver. e ampl. – Campinas, SP: Papyrus, 2002.

Parâmetros Curriculares Nacionais: **arte** / Ministério da Educação. Secretária de Educação Fundamental. – 3. Ed. - Brasília: MEC / SEF, 2001. 130 p.

SCHMIDT, Maria Luisa Sandoval. **Participante alteridade e comunidades interpretativas**. Disponível em <http://www.scielo.org> acessado em 04 de fevereiro de 2013.

SMITH, Ralph Excelência no Ensino da Arte. BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos (org.). **Arte-educação: Leitura no subsolo**. São Paulo: Cortez, 1997.

SZYMANSKI, Heloisa (org.). **A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva**. – Brasília: Liber Livro Editora, 2004. 87 p.

VALLADARES, Licia. **Os dez mandamentos da observação participante**. <http://www.scielo.org> acessado em 08 de fevereiro de 2013.

ANEXO 01

Entrevista 01

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO SUL E SULDESTE DO PARÁ
FACULDADE DE PEDAGOGIA

QUESTIONÁRIO

PROFESSORA DE ARTE

- NOME:
- IDADE:
- QUANTO TEMPO VOCÊ TRABALHA COMO PROFESSORA?
- QUAL A SUA FORMAÇÃO?
- FALE UM POUCO SOBRE A SUA COMPREENSÃO DE EDUCAÇÃO, OU SEJA, QUAL É O PAPEL DA ESCOLA?
- COMO VOCÊ VEIO A SER PROFESSORA DE ARTE?
- QUANTO TEMPO VOCÊ MINISTRA A DISCIPLINA DE ARTES?
- VOCÊ TEM ALGUMA FORMAÇÃO QUE LHE HABILITE A TRABALHAR ESSA DISCIPLINA?
- ATUALMENTE VOCÊ PARTICIPA DE ALGUMA FORMAÇÃO QUE VENHA A CONTRIBUIR COM O SUA PRÁTICA PEDAGÓGICA NA DISCIPLINA DE ARTE? QUAL? QUEM OFERECE? QUAL A CARGA HORÁRIA DESSA FORMAÇÃO?
- QUAL A HABILITAÇÃO DOS FORMADORES QUE MINISTRAM ESSES CURSOS?
- FALE UM POUCO SOBRE A ESSA FORMAÇÃO?QUAIS CONTRIBUIÇÕES E CONTRADIÇÕES DESSA FORMAÇÃO JUNTO A SUA PRÁTICA PEDAGÓGICA?
- O QUE VOCÊ ENTENDE POR ARTE?
- EM SUA OPINIÃO, QUAL É A FINALIDADE DO ENSINO DA ARTE?

- QUE LEMBRANÇAS VOCÊ TEM DO ENSINO DE ARTE DA ÉPOCA EM QUE VOCÊ ERA ALUNA?
- QUAIS SÃO AS LINGUAGENS ARTÍSTICAS QUE VOCÊ TRABALHA?
- COMO É FEITA A ESCOLHA DOS CONTEÚDOS QUE SERÃO MINISTRADOS NA DISCIPLINA DE ARTE?
- QUAIS ESPAÇOS VOCÊ UTILIZA PARA DESENVOLVER SUAS AULAS DE ARTE?
- QUAIS SÃO OS SUBSÍDIOS QUE VOCÊ POSSUI QUE OS AUXILIAM NA SUA PRÁTICA PEDAGÓGICA?

ANEXO 02

Entrevista 02

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO SUL E SULDESTE DO PARÁ
FACULDADE DE PEDAGOGIA

ENTREVISTA ESTRUTURADA

ROTEIRO PARA CONVERSA COM A COORDENADORA PEDAGÓGICA

- NOME:
- FUNÇÃO:
- LOCALIZAÇÃO DA ESCOLA:
- IDEB DA ESCOLA:
- PÚBLICO QUE A ESCOLA ATENDE:
- CARGA HORÁRIA DA DISCIPLINA DE ARTES:
- COMO FOI FEITA A ESCOLHA DO PROFESSOR DE ARTE?
- O QUE VOCÊ PENSA SOBRE O ENSINO DA ARTE?
- EM SUA OPINIÃO, QUAL É A FINALIDADE DO ENSINO DA ARTE?
- COMO VOCÊ DEFINE O ENSINO DA ARTE MINISTRADO EM SUA ESCOLA?
- FALE UM POUCO SOBRE A AVALIAÇÃO REALIZADA EM SUA ESCOLA?
- QUAL É O ESPAÇO DESTINADO À ARTE NO PPP DA ESCOLA?

ANEXO 03

Entrevista 03

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO SUL E SULDESTE DO PARÁ
FACULDADE DE PEDAGOGIA

ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA
ROTEIRO PARA CONVERSA COM OSALUNOS

- SÉRIE:
- VOCÊ GOSTA DAS AULAS DE ARTE? POR QUÊ?
- O QUE VOCÊ MAIS GOSTA NAS AULAS DE ARTE?
- QUAIS MATERIAIS VOCÊ USA NAS SUAS AULAS DE ARTE?
- FALA UM POUCO SOBRE COMO É A SUA AULA DE ARTE.
- AONDE ACONTECEM SUAS AULAS DE ARTE?
- VOCÊ JÁ FEZ ALGUM PASSEIO COM A PROFESSORA DE ARTE? PARA ONDE?
- O QUE VOCÊ GOSTARIA QUE TIVESSE NAS SUAS AULAS DE ARTE?

ANEXO 04

Entrevista 04

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO SUL E SULDESTE DO PARÁ
FACULDADE DE PEDAGOGIA

ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA
ROTEIRO PARA CONVERSA COM OS PAIS

- NOME:
- O QUE VOCÊ ENTENDE POR ARTE?
- QUE LEMBRANÇAS VOCÊ TEM DO ENSINO DE ARTE NO SEU TEMPO DE ESCOLA?
- O QUE VOCÊ MAIS GOSTAVA NAS AULAS DE ARTE?
- FALE UM POUCO SOBRE COMO VOCÊ VÊ O ENSINO DA ARTE QUE SEU FILHO RECEBE NA ESCOLA?
- VOCÊ PERCEBER ALGUMA RELAÇÃO DA ARTE MINISTRADA NA ESCOLA COM A VIDA DO SEU FILHO?
- VOCÊ ACHA QUE O ENSINO DA ARTE PODE TRAZER ALGUM BENEFÍCIO PARA A VIDA DO SEU FILHO? QUAL?

ANEXO 05

ROTEIRO PARA ANOTAÇÕES/REGISTRO

ROTINA / AULAS / ATIVIDADES DESENVOLVIDAS:

- Chegada da professora de arte na sala de aula
- Conversa informal sobre o tema estudado
- Apresentação e conhecimentos prévios sobre o tema em estudo
- Maneira como a professora encaminha suas atividades
- Participação dos alunos nas aulas
- Conteúdo / conceitos trabalhados
- Espaço e material utilizado nas aulas de arte
- Planejamento das aulas
- Registros dos momentos mais marcantes nas aulas